

REVISTA DE

REFLEXÃO

MISSIOLÓGICA

PERIÓDICO SOBRE TENDÊNCIAS E DESAFIOS GLOBAIS
DA MISSÃO



REVISTA DE REFLEXÃO MISSIOLÓGICA

Periódico sobre Tendências e Desafios Globais da Missão

ISSN Eletrônico: 2764-8885

EXPEDIENTE

JUNTA DE MISSÕES MUNDIAIS DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA

Diretor-Executivo: Pr. João Marcos Barreto Soares
Gerente de Missões: Pr. Alexandre Felício Peixoto

REVISTA DE REFLEXÃO MISSIONOLÓGICA

Núcleo de Inteligência Missionária

Coordenador: Pr. Daniel da Cruz Moulié Corrêa

EDITORES-EXECUTIVOS

Doutora Analzira Pereira do Nascimento
Doutor Alcir Almeida de Souza
Doutorando Anderson Silva de Araujo

CONSELHO EDITORIAL

Doutora Analzira Pereira do Nascimento, Faculdade Teológica Batista de São Paulo - FTSP, Brasil
Doutor Alcir Almeida de Souza, Seminário Teológico Batista de Queluz - STBQ, Portugal
Doutor Reinaldo Arruda Pereira, Faculdades Batistas do Paraná - FABAPAR, Brasil
Doutor Daniel Clark
Doutor Jonathan Eric Sharp

REVISÃO

Redação, Gerência de Comunicação e Marketing, Junta de Missões Mundiais

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Gerência de Comunicação e Marketing, Junta de Missões Mundiais

FOTOS DA CAPA E PUBLICAÇÃO

Bel Oliveira*

* Pseudônimo, missionária de Missões Mundiais na Ásia.

INSTITUCIONAL

CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA JUNTA DE MISSÕES MUNDIAIS GERÊNCIA DE MISSÕES

Rio de Janeiro, Brasil

Rua José Higino, 416 - Prédio 21, Tijuca.

CEP: 20510-412 - Rio de Janeiro - RJ

e-mail: centraldeatendimento@jmm.org.br

www.missoesmundiais.com.br

Contato (21) 2122-1901 / 2730-6800 (cidades com DDD 21)

0800-709-1900 (demais localidades)

SOBRE A REVISTA

REVISTA DE REFLEXÃO MISSIONOLÓGICA

Periódico sobre Tendências e Desafios Globais da Missão

A Revista de **Reflexão Missionológica**, lançada em 2021, é uma publicação eletrônica semestral, **ISSN: 2764-8885**, produzida pelo Núcleo de Inteligência Missionária - Gerência de Missões, da Junta de Missões Mundiais da Convenção Batista Brasileira.

MISSÃO

A **Reflexão Missionológica** tem como missão ser um espaço de reflexão e diálogo que estimule a publicação de textos inéditos em língua portuguesa, fomentando pesquisas interdisciplinares relevantes à *praxis* missionária.

OBJETIVOS

A partir de sua vinculação institucional e confessional, ser um espaço que:

- Evidencie a riqueza da diversidade de pensamento e da reflexão crítica no campo da missiologia e áreas correlatas;
- Divulgue resultados de pesquisas inovadoras e de projetos/ações missionais relevantes com vistas ao enriquecimento do saber missionológico e da *praxis* missionária da igreja;
- Acompanhe e fomente a produção missionológica que se efetua em outros países, assinalando a vocação internacional da revista;
- Registre a produção de conhecimento no contexto missionológico contemporâneo.

SOBRE A REVISTA

PÚBLICO-ALVO

Os conteúdos da revista destinam-se prioritariamente ao público acadêmico, a saber, professores, pesquisadores e estudantes, bem como cristãos interessados na reflexão teológico-missionária.

PERIODICIDADE

A Revista de *Reflexão Missiológica* é uma publicação semestral (janeiro-junho e julho-dezembro) no formato eletrônico ISSN: 2764-8885.

PROCESSO DE AVALIAÇÃO PELOS PARES

Os textos aceitos pelo Conselho Editorial serão submetidos à avaliação de dois avaliadores *ad hoc*, pelo sistema de avaliação cega (*Double Blind Review*). Os avaliadores terão um prazo de até quatro semanas para emitir decisão favorável, desfavorável ou favorável sob condições de revisão. Fica reservada à Comissão Editorial o direito de solicitar pareceres adicionais. Todo o processo deve ser realizado, normalmente, em um período de dois meses.

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público universaliza o conhecimento.

CUSTO DE PROCESSAMENTO E ENVIO DOS ARTIGOS

A submissão de artigos na Revista de *Reflexão Missiológica* é livre e gratuita e não contempla remuneração aos seus autores.

SUBMISSÕES

DIRETRIZES PARA AUTORES

Digitação

O texto deverá ser digitado com o uso do editor de texto “Microsoft Word” ou compatível, com a configuração da página em folha tamanho A4 (29,7 x 21 cm); margens: superior 3 (três) cm; inferior 2 (dois) cm; esquerda 3 (três) cm; direita 2 (dois) cm; espaçamento entrelinhas: 1,5, fonte Arial. No caso de uso de fonte especiais deve-se informar a fonte utilizada e enviá-la juntamente com o artigo.

Texto principal

O corpo do texto deve ser obrigatoriamente iniciado pela “introdução” e concluído pelas “considerações finais” e a lista de “referências”. O título do artigo deverá ser escrito em negrito, letras maiúsculas, centralizado, fonte tamanho 14. Os subtítulos deverão ser alinhados à esquerda (sem recuo), negrito e fonte tamanho 12. O texto padrão também deve ser em fonte tamanho 12, com espaçamento 1,5. Citações deverão ser digitadas em fonte tamanho 10, com recuo da margem esquerda de 4,0 cm, e notas de rodapé digitadas em fonte tamanho 9. As palavras estrangeiras deverão estar em itálico, sem aspas. As referências deverão ser feitas em nota de rodapé, sendo que a primeira ocorrência deverá ser completa e as subsequentes deverão obedecer ao padrão “AUTOR, data, página”. O artigo completo deverá ter entre 18.000 e 20.000 caracteres com espaços, incluídas as referências e as notas. Quadros e gráficos deverão ser incluídos no corpo do texto (a utilização de determinadas imagens pode implicar ocasionalmente a busca de uma declaração ou autorização de uso das mesmas).

DIRETRIZES PARA AUTORES

Resumo/Abstract

O resumo deve ter até 200 palavras, espaçamento simples entrelinhas. A estrutura do resumo deve conter: objetivo do artigo, metodologia ou recorte utilizado, dados colhidos e breves considerações das análises efetuadas. Se o artigo for escrito em português, o resumo deve ser traduzido também para o inglês. Deverão ser apresentadas de 3 a 6 palavras-chave separadas por ponto.

Referências

As referências utilizadas no artigo deverão ser apresentadas ao final, em ordem alfabética por sobrenome de autores, de acordo com a Norma ABNT/NBR-6023. As referências deverão ser alinhadas à esquerda, sem recuo para a sua segunda linha.

DIRETRIZES PARA AUTORES

Vozes do Campo - Relatos de Experiência

Os Relatos de Experiência deverão ser de experiências próprias ou de terceiros. Caso seja um relato de terceiros, é necessário ter relação com o(a) autor(a). Os relatos devem conter entre 5 a 8 mil caracteres com espaços. Devem ser digitados em editor de texto Word for Windows, em página A4, fonte Times New Roman, tamanho 12, com espaçamento entrelinhas 1,5. Devem conter nome completo do autor(a), país de referência e o relato de experiência ao final do mesmo.

O texto deverá ser digitado com o uso do editor de texto “Microsoft Word” ou compatível, com a configuração da página em folha tamanho A4 (29,7 x 21 cm); margens: superior 3 (três) cm; inferior 2 (dois) cm; esquerda 3 (três) cm; direita 2 (dois) cm; espaçamento entrelinhas: 1,5, fonte Arial. No caso de uso de fonte especiais deve-se informar a fonte utilizada e enviá-la juntamente com o artigo.

Resenhas

Resenhas deverão ser de obras literárias recentes (no máximo 3 anos de publicação) ou obras literárias de referência e devem conter entre 5 a 8 mil caracteres com espaços. Devem ser digitadas em editor de texto Word for Windows, em página A4, fonte Times New Roman, tamanho 12, com espaçamento entrelinhas 1,5. Devem conter título, referência completa da obra, síntese dos temas abordados e crítica da obra ao final da mesma.

O texto deverá ser digitado com o uso do editor de texto “Microsoft Word” ou compatível, com a configuração da página em folha tamanho A4 (29,7 x 21 cm); margens: superior 3 (três) cm; inferior 2 (dois) cm; esquerda 3 (três) cm; direita 2 (dois) cm; espaçamento entrelinhas: 1,5, fonte Arial. No caso de uso de fonte especiais deve-se informar a fonte utilizada e enviá-la juntamente com o artigo.

DIREITO AUTORAL E POLÍTICAS

DECLARAÇÃO DE DIREITO AUTORAL

Estou ciente de que, através da submissão voluntária de meu texto ao corpo editorial da Revista de **Reflexão Missiológica**, editada pela Junta de Missões Mundiais da Convenção Batista Brasileira, autorizo a mesma a publicar o respectivo texto na revista a título não oneroso e declarando a originalidade do texto e sua não submissão simultânea a qualquer outro periódico, em meu nome e em nome das demais pessoas coautoras, se eventualmente existirem. Permaneço como titular de todos os direitos autorais e comprometo-me a não submeter este mesmo texto a qualquer outra publicação no prazo de, pelo menos, um (1) ano a partir da data de publicação do texto, além de, em caso de nova publicação, fazer referência à publicação original na Revista de **Reflexão Missiológica**.

POLÍTICA DE RESPONSABILIDADE AUTORAL

Os autores assumem inteira responsabilidade pelo conteúdo dos textos de sua autoria. As pesquisas dos autores não necessariamente expressam a linha editorial e entendimento da Revista de **Reflexão Missiológica**.

POLÍTICA DE PRIVACIDADE

Os nomes e endereços informados na Revista de **Reflexão Missiológica** serão usados exclusivamente para os serviços prestados por esta publicação, não sendo disponibilizados para outras finalidades ou a terceiros.

INFORMAÇÕES GERAIS

EXPLICAÇÃO SOBRE AS SEÇÕES DA REVISTA

Apresentação

Em todas as publicações haverá a seção de "Apresentação", que tem por objetivo de apresentar o principal assunto abordado na publicação e desafiar o público-alvo para a discussão.

Editorial

Esta seção apresentará a opinião do Conselho Editorial da Revista de **Reflexão Missiológica**, apresentando o posicionamento e sua linha editorial. Neste espaço será discorrido sobre o tema principal da publicação.

Artigos

Nesta seção serão apresentados os artigos científicos aprovados pelo Conselho Editorial durante o fluxo de trabalho da Revista de **Reflexão Missiológica**.

Resenhas

Nesta seção serão apresentadas as sínteses de livros escolhidos pelo Conselho Editorial, que têm por objetivo despertar a atenção do leitor para o livro em questão, situando-o quanto à importância da obra. Portanto, esta seção será um convite à leitura de livros atuais e de referência em missiologia.

Vozes do Campo

Nesta seção serão apresentados os relatos de experiências missionárias, com o objetivo de colaborar e contribuir com as pesquisas científicas desenvolvidas pela comunidade acadêmica.

REVISTA DE

REFLEXÃO

MISSIOLÓGICA

PERIÓDICO SOBRE TENDÊNCIAS E DESAFIOS GLOBAIS
DA MISSÃO

MISSIOLOGIAS DO SUL GLOBAL





Sumário

16 APRESENTAÇÃO

Pr. João Marcos Barreto Soares

17 EDITORIAL

Dr. Alcir Almeida de Souza

ARTIGOS

19 POSSIBILIDADES PARA UMA MISSIOLOGIA DO SUL: DESBRAVANDO CAMINHOS PARA A CONSOLIDAÇÃO DE UMA PRÁTICA MISSIONÁRIA CONTEXTUALIZADA E DESCOLONIZADA

Analzira Pereira Nascimento

34 CAMINHOS PARA DESCOLONIZAR A PRÁTICA MISSIONÁRIA DA IGREJA AFRICANA

Jesus Coragem Abel



**57 O PAPEL DAS REVISTAS
MISSIOLÓGICAS NA
PROMOÇÃO DA MISSÃO
GLOBAL: EXPLORANDO SUAS
CONTRIBUIÇÕES E
DESAFIOS**

Anderson Silva de Araujo

**73 PRESSUPOSTOS PARA A
AUTOTEOLOGIZAÇÃO: DAR VOZ À
TEOLOGIA DAS IGREJAS DO SUL
GLOBAL**

Hildomar J. P. Oliveira

**98 MISSIONMIGRAÇÃO: CHANCE
PARA O MELHOR
APROVEITAMENTO MISSIONÁRIO
DA DIÁSPORA BRASILEIRA**

Diogo da Cunha Carvalho

VOZES DO CAMPO

**113 TESTEMUNHOS DE
TRANSFORMAÇÃO E IMPACTO
MISSIONÁRIO**

Marta do Carmo - Equador



**114 AVANÇOS NA EVANGELIZAÇÃO E
EXPANSÃO DE IGREJAS:
EXPERIÊNCIAS MISSIONÁRIAS E
CRESCIMENTO COMUNITÁRIO
EM CABO VERDE**

Emanuel Tavares Monteiro - Cabo Verde

Apresentação

Compartilhamos com todos mais uma publicação da Revista de Reflexão Missiológica, uma publicação eletrônica semestral produzida pelo Núcleo de Inteligência Missionária – Gerência de Missões, da Junta de Missões Mundiais da Convenção Batista Brasileira.

Queremos que a Revista de Reflexão Missiológica possibilite aos leitores explorar as diversas perspectivas das "Missiologias do Sul Global", destacando as abordagens, desafios e contribuições únicas provenientes das regiões do Sul global para o campo da missiologia.

Nesta edição, a Revista de Reflexão Missiológica destaca as "**Missiologias do Sul Global**", um campo de estudo crucial que ilumina as experiências e reflexões das regiões do Sul, oferecendo *insights* valiosos e relevantes para o panorama global da missão.

Autores proeminentes dessas regiões têm enriquecido o discurso missiológico. Autores como Lamin Sanneh, com suas contribuições sobre a contextualização do evangelho em contextos africanos, e Kirsteen Kim, que enfoca a interculturalidade e as perspectivas asiáticas na missiologia, são exemplos que ressaltam a riqueza das "Missiologias do Sul".

Ao destacar essas visões distintas, a Revista de Reflexão Missiológica busca promover uma compreensão mais ampla e inclusiva da missiologia global, reconhecendo as múltiplas vozes e enfoques que moldam a prática e o pensamento missiológico em diferentes contextos ao redor do mundo.





Editorial

Dr. Alcir Almeida de Souza

MISSIOLOGIAS DO SUL GLOBAL

Pesquisas recentes apontam uma mudança significativa no panorama do Cristianismo mundial no último século. O deslocamento do centro gravitacional cristão da Europa e América do Norte para o chamado Sul Global (África, Ásia, América Latina e Oceania) é um dado significativo para o futuro do Cristianismo global. Ao lançar raízes nestes contextos, a fé cristã deixa de ser apenas um reflexo do modelo interpretativo unilateral e paternalista norte-atlântico e assume um caminho de maior sensibilidade com as culturas locais e de uma ação missional que responda as realidades dos contextos em que está inserida.

Dentre os muitos aspectos positivos que a história do Cristianismo nos apresenta, esta noção de que, em todos as culturas e épocas, a verdade cristã é refletida através de construções teológico-práticas parciais, condicionadas cultural e socialmente, é essencial.

Ao passo em que estas construções não podem reivindicar-se como modelos absolutos, não devem ser desprezadas em sua completude visto que lidaram, em seu momento específico, com a Verdade. E é o lidar com a Verdade, e como esta se torna relevante a pessoas concretas, que vivem em realidades distintas, e com necessidades prementes, o elemento fundamental da missão da igreja.

Levando em conta este constante desafio à igreja em missão, esta edição vai abordar o tema “Missiologias do Sul”.

O primeiro artigo, de autoria da Dra. Analzira Nascimento, nos apresenta os caminhos para a produção de uma “Missiologia do Sul” que seja capaz de viabilizar um rompimento com as perspectivas unilaterais de missão e valorize a diversidade de vivências e elaborações missiológicas que emergem do Sul Global.

Em seguida, o professor Jesus Coragem Abel propõe a necessidade da construção de um novo paradigma teológico-missionário que valorize a cultura angolana e seja capaz de colocar a Bíblia e a cultura local em diálogo, a fim de desenvolver uma prática missionária relevante.

No terceiro artigo, o professor Anderson Silva de Araújo apresenta uma análise dos benefícios e desafios das principais revistas missiológicas da atualidade em sua função de promover a missão global e estimular uma reflexão contextual que incentive a adaptação da fé cristã em diferentes culturas.

O quarto artigo, proposto pelo Dr. Diogo da Cunha Carvalho, retoma a reflexão sobre o engajamento da diáspora brasileira na expansão da fé cristã, especialmente no que se refere ao desafio da transmissão de uma consciência missional aos imigrantes brasileiros ao redor do mundo.

Por fim, o professor Hildomar Oliveira trata da autoteologização das igrejas do Sul Global, com o objetivo de oferecer uma compreensão mais inclusiva e enriquecedora da teologia neste contexto e destacar sua relevância e contribuição para o panorama teológico global.

Boa leitura!

ARTIGOS

POSSIBILIDADES PARA UMA MISSIOLOGIA DO SUL: DESBRAVANDO CAMINHOS PARA A CONSOLIDAÇÃO DE UMA PRÁTICA MISSIONÁRIA CONTEXTUALIZADA E DESCOLONIZADA

Analzira Pereira Nascimento

Doutora em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Professora da Faculdade Teológica Batista de São Paulo e do Programa de Mestrado do Seminário Teológico da Convenção Batista de Angola.

Email: analziramissao@gmail.com ORCID: 000-00002-1182-1926

POSSIBILIDADES PARA UMA MISSIOLOGIA DO SUL: DESBRAVANDO CAMINHOS PARA A CONSOLIDAÇÃO DE UMA PRÁTICA MISSIONÁRIA CONTEXTUALIZADA E DESCOLONIZADA

Resumo

Vivemos um tempo de rápidas e intensas mudanças que trazem novos desafios para a missão da igreja no mundo. Como família de Deus ao redor do planeta, se queremos de fato cumprir nossa missão na sociedade contemporânea e impactar comunidades, precisamos reconsiderar nossos métodos de abordagens, estar dispostos a reconhecer onde nos perdemos e ter a coragem para analisar qual prática missional podemos adotar que preserve os princípios da Palavra de Deus, obedeça ao mandato de Jesus e ao mesmo tempo tenha uma linguagem que consiga criar espaços de diálogo com diferentes segmentos da sociedade. Pensar “Missiologias do Sul” seria uma possibilidade corajosa para rever, e porque não romper, com paradigmas caracterizados pela manutenção e continuísmo, baseados mais em tradição e empreender uma busca por modelos autênticos e contextualizados que conversam melhor com os nossos desafios locais. Poderia ser uma alternativa para a descolonização do paradigma predominante de missão, especialmente práticas missionárias que se desenvolveram nas regiões da África, Ásia e América Latina.

Palavras-Chave: Missão; Missiologias do Sul; colonialidade; descolonizar; paradigmas.

Abstract

We live in a time of fast and intense changes that bring new challenges for the mission of the church in the world. As the family of God around the globe if we want to truly fulfill our mission in our contemporary society and impact communities, we must reconsider our approach methodologies and be willing to acknowledge where we have lost our way while having the courage to analyze which missional practice we can adopt to preserve the principles of God's Word, obeying Jesus' mandate, and – at the same time – having a language that can create room for dialogue with different segments of society. To reflect upon “Missiology of the South” would be a brave possibility to review, and why not break off with the paradigms characterized by the upkeep and continuum mostly based on traditions; as well as to search for authentic and contextualized models that better communicate with our local challenges. It could be an alternative for the decolonization of the predominating mission paradigm, especially missionary practices developed in regions of Africa, Asia, and Latin America.

Keywords: Mission; Missiologies of the South; decolonize; paradigm; contextualize.

Introdução

Sou missionária da JMM e trabalhei em Angola por 17 anos como profissional da saúde e na organização de alguns projetos de desenvolvimento durante o conflito armado. Fui para a África com muitos planos e intenções, mas o direcionamento de Deus conduziu para um projeto inusitado que me surpreendeu totalmente: a implantação do Seminário Teológico Batista do Huambo.

Esta escola era não só um centro de formação, mas uma incubadora e aceleradora de vocações e talentos. A partir dali, com o protagonismo dos estudantes ou parceria com outros jovens, vários projetos foram desenvolvidos que trouxeram grande impacto na cidade, entre eles: Lanchonete Ekuku, Educação de adultos, Centro Profissionalizante para Mutilados de Guerra no Lobito, Centro Médico Lobito, Colégio Batista do Huambo, Escola de ensino fundamental no Presídio do Huambo, Projeto Quem Ama Espera, Projeto Tabita – cooperativa feminina, e Creche Mirian.

Uma boa estratégia para atuação missionária numa região carregada de vulnerabilidades, aqui neste caso, um país com algumas restrições em decorrência da situação de guerra e também por seguir uma orientação ideológica marxista-leninista foi: amizades locais, discipulado com vida compartilhada e formação de liderança. Era uma pedagogia da vivência: sofrendo e lutando juntos pela sobrevivência, transfundindo vida intensivamente em todo o tempo e em todo lugar.

A transitoriedade e sentido de urgência que a guerra gerava, pressionava a população a se preparar para mudanças abruptas e ao mesmo tempo, desafiava a igreja a estar mais sensível às rápidas transformações do seu contexto e a necessidade de adequar suas respostas às novas realidades que eram impostas pela devastação do conflito armado.

Em meio a esta crise, a cada dia mais constatava que o nosso paradigma de prática missionária não conseguia mais responder a estes novos desafios de tempos turbulentos. Nossa prática missionária refletia um modelo formatado em outro continente, em outro contexto, em outro século. O descompasso provocava uma inquietação e trazia coragem para avaliar estratégias e rever paradigmas em uso.

EPISTEMOLOGIAS DO SUL E PRÁTICAS COLONIALISTAS

O conceito de Epistemologias do Sul[1] atualmente tem sido um dos temas mais debatidos pelo sociólogo Boaventura de Sousa Santos em suas palestras e livros. É uma proposta que dá voz a saberes que foram silenciados por séculos. São novas maneiras de produção de conhecimento que tentam ir além das fronteiras do norte global e escapar das ideias hegemônicas que foram normatizadas pelo Ocidente. O autor defende a inclusão de paradigmas que rompem com a lógica colonialista – imperialista, nos nossos mapas de referências.

A ideia de superioridade ocidental pressupõe a diferença colonial, que transforma diferenças em valores.

Para o autor, as Epistemologias do Sul surgem diante da visão que o mundo é variado e diversificado em relação às culturas e saberes, mas que no decorrer da história da modernidade sobrepôs uma forma de conhecimento pautada no modelo epistemológico da ciência moderna, desconsiderando os outros saberes.

[1] Designamos a diversidade epistemológica do mundo por epistemologias do Sul. O Sul é aqui concebido metaforicamente como um campo de desafios epistêmicos, que procuram reparar os danos e impactos historicamente causados pelo capitalismo na sua relação colonial com o mundo (DE SOUSA SANTOS, Boaventura; MENESES, Maria Paula [orgs.]. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 19).

A dominação colonial é também uma dominação epistemológica que invisibilizou e subalternizou saberes de povos colonizados. Essa ação de sufocamento das demais epistemologias e suas culturas, acarretou no que o autor chama de epistemicídio[2].

Boaventura defende que o pensamento moderno ocidental é um pensamento abissal[3], ou seja, um pensamento dotado de buracos, aquele pensamento que é excludente em sua hegemonia e acaba por suprimir e opor-se a outras versões epistemológicas.

Quando falamos de “Sul Global”, também não estamos especificando necessariamente “lugar geográfico”, mas nos referimos a grupos que se sentem a margem do desenvolvimento econômico do Norte e não se alinham com pensamentos hegemônicos e epistemologias ocidentais. São especialmente povos que foram colonizados pelas potências europeias e não pactuam com um pensamento colonialista que contribuiu para a formatação de paradigmas que não respeitem a alteridade.

Os teóricos dos estudos pós-coloniais defendem que o colonialismo histórico terminou, mas ainda vivemos um período de colonialismo social, onde em sua maioria os países do sul que foram colonizados, estão numa posição de periféricos, excluídos das relações de poder comandadas pelas grandes potências. A partir deste contexto, emerge o conceito de colonialidade:

[2] Epistemicídio é a supressão dos conhecimentos locais perpetrada por um conhecimento alienígena (De Sousa Santos; Meneses (org.), 2010, p. 17). A transformação do saber e do conhecimento em algo que pode ser objeto de apropriação privada, separado dos que o produzem, transportado, comprado e vendido, sujeito a formas de direito de propriedade estranhas ao contexto em que esse saber ou conhecimento foi produzido e apropriado coletivamente (De Sousa Santos et. al, 2018, p. 235).

[3] Pensamento abissal consiste num sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que estas últimas fundamentam as primeiras. As distinções invisíveis são estabelecidas por meio de linhas radicais que dividem a realidade social em dois mundos distintos: o mundo “deste lado da linha” (modos de sociabilidade metropolitana) e o mundo “do outro lado da linha” (modos de sociabilidade colonial). A divisão é de tal modo radical que “o outro lado da linha” desaparece como realidade, é produzido como inexistente (De Sousa Santos; Meneses (orgs.), 2010, p. 30ss).

que pode ser definido como uma estrutura de dominação ou padrão de poder que permanece enraizado em nossa sociedade, mesmo após o fim das relações coloniais. Em resumo, para não confundir, a colonialidade é uma consequência do colonialismo, contudo, os conceitos não são os mesmos[4].

O PARADIGMA PREDOMINANTE NA PRÁTICA MISSIONÁRIA EVANGÉLICA

Herdamos um modelo de evangelização que até hoje influencia bastante a nossa concepção de missão e conseqüentemente nossas práticas missionárias.

O entendimento segmentado e de certa forma limitado a respeito de missões e evangelismo obscurece e oculta a completa e fundamental mensagem bíblica sobre o grande propósito redentor de Deus presente nas Sagradas Escrituras, desde Gênesis até Apocalipse.

Sem uma leitura harmoniosa e abrangente dos dois testamentos, textos como Mateus 28:19-20 ou Atos 1:8, por exemplo, podem ser usados por algumas lideranças como pilares de uma compreensão fragmentada da missão de Deus, focada somente em pregação para salvação, e praticamente colocam missão como sinônimo de evangelização, excluindo o grande tema da Missio Dei: a redenção de toda a criação.

Também constatamos que a grande ênfase na necessidade de “salvar almas para um Reino de Deus lá no futuro” - para uma vida após a morte - produz uma compreensão teológica que reduz nossa missão a simples ações evangelísticas e não consegue dar respostas para as nossas demandas de hoje e aos grandes desafios contemporâneos e conseqüentemente, gerar uma mobilização para o envolvimento na Missio Dei.

[4] AVILA, Milena Abreu. **Colonialidade e Decolonialidade**. Disponível em: <https://www.politize.com.br/colonialidade-e-decolonialidade/>. Acesso em; 28 set. 2023.

Como estamos “só de passagem” pelo mundo... só aguardando a entrada no Reino Celestial (salvação), este paradigma é o mesmo que nos isenta de qualquer responsabilidade com a criação de Deus e destruição da natureza.

Também não nos envolvemos com os “problemas do mundo”: os conflitos armados e o sofrimento de populações civis inocentes, a desigualdade fruto da cobiça e ambição que leva grande parte da população mundial a passar fome, ser solidários em grandes desastres naturais, entre outros.

Baseada em minha pesquisa (Nascimento, 2013), uma hipótese que ainda vejo latente em nosso meio evangélico brasileiro é que, em nossos encontros com o “outro”, na ânsia de cumprir uma agenda eclesiástica, algumas vezes invisibilizamos o outro, não conseguimos reconhecê-lo como sujeito, ou seja, o paradigma evangélico de missão que predomina, continua a reproduzir a mesma lógica colonialista de dominação que reforça a negação da identidade do outro e o reduz a objeto.

A motivação algumas vezes é cumprir os nossos próprios objetivos. O outro é visto apenas como um “alvo” da missão, que mostra se alcançamos (ou não) os objetivos do “nosso” grupo.

O paradigma de missão que predominou muito tempo seguia uma lógica colonialista. Era um modelo de prática gerencial. Muito preocupada com metas (quantificar almas salvas), programas e estatísticas.

O discurso que enfatiza somente a salvação da alma também reforça a ideologia colonial, uma vez que os acontecimentos desta “vida temporal” não são importantes, e o que vale nesta vida é atingir a garantia do céu.

Como estratégia para reparação de erros do passado, as agências missionárias do Norte Global e também algumas do Sul estão implantando novas formas de governança nos programas em parceria com outros países dando pleno protagonismo para lideranças locais através do chamado policentrismo[5]. Observamos que estas organizações cristãs ao redor do mundo estão orientando os seus missionários a passarem toda a coordenação e o comando dos projetos para os nacionais, enquanto eles, como estrangeiros nestes países, cada vez mais vão assumindo papéis coadjuvantes. Entretanto, o ato de transferir o poder não descoloniza os relacionamentos porque as lideranças de países desenvolvidos ao firmar vínculos mais estreitos, vão normalmente priorizar seus homólogos ou patrícios. Por outro lado, as lideranças do sul podem conseguir a gestão e o poder local, mas continuarem com visão paternalista vendo missionários somente como um cartão de crédito, ou caixa forte.

No mesmo documento, a BMS adverte sobre o perigo do Policentrismo sem um bom planejamento. É necessário acontecer trocas, uma interculturalidade com intercâmbio mútuo de valores culturais num processo de aprendizado na base da reciprocidade.

Uma ênfase explícita nesse tipo de missão intercultural é importante por várias razões. Ele fornece um equilíbrio ao policentrismo, garantindo que a descentralização não leve a uma maior marginalização, garantindo um compromisso com o diálogo crítico e o aprendizado compartilhado daqueles que estão à margem.[6]

[5] “É caracterizado pela mudança de poder através da descentralização dos centros estabelecidos para as margens” (BMS World Mission. **POLYCENTRISM and intercultural mission: beginnings of organisational conversation.**, 2022, p. 1).

[6] BMS World Mission. 2022, p. 2.

Também não seria semelhante a uma proposta de autoteologização – significando que comunidades locais podem ser capazes de interpretar a Bíblia dentro do seu contexto – mas que precisamos preparar missionários que desenvolvam uma prática que quebre o ciclo de uma lógica colonialista, consigam romper com a monoculturalidade que silencia. Que não só respeite a cultura local, mas também a alteridade.

Esta valorização e o respeito ao outro foi muito presente no ministério de Jesus. Além de ser o grande exemplo de alteridade que renunciou a Sua glória para vir aqui e se tornar um de nós, Ele foi o grande Mestre que ensinava andando junto na caminhada diária. Seu método era o da identificação, do exemplo. Era uma pedagogia da vivência. Ele entrou no mundo deles. O seu discipulado não foi só de passar conteúdos bíblicos (paradigma bancário), trabalhando só no nível de cognição, mas repartindo vida e usando exemplos a partir do contexto e do cotidiano do seu público.

Geralmente em nossas abordagens ficamos só nos relacionamentos de superfície, depois cada um retorna para o seu mundo. Descolonizar é respeitar, é se tornar um deles, é sentar-se na mesma mesa com o mesmo poder de fala.

MISSIOLOGIAS DO SUL COMO POSSIBILIDADE PARA UMA PRÁTICA CONTEXTUAL E DESCOLONIZADA

Precisamos rever nossos paradigmas na prática missionária, geralmente mantidos mais pela tradição do que por uma análise e reflexão hermenêutica do texto bíblico. O mundo está passando por rápidas e intensas mudanças e vivendo uma crise de referências. As pessoas estão em busca de um sentido, mas nós cristãos já não podemos mais oferecer respostas na mesma embalagem que copiamos e que foi preparada em outro século, em outro continente e em outro contexto.

Mais do que nunca carecemos de modelos que respondam com maior assertividade aos novos desafios da sociedade e que contribuam para promover mais diálogos com as culturas locais. Reflexões missiológicas alternativas que levem em consideração as percepções e demandas de contextos no Sul global.

Aproveitando o conceito de Boaventura de Sousa Santos sobre Epistemologias do Sul, que “resgatam e valorizam os conhecimentos, experiências, práticas e saberes próprios dos povos do Sul”[1], e trabalham por uma busca de reparação de danos e impactos causados pelo colonialismo nas culturas, podemos pensar “Missiologia do Sul” como uma alternativa para a descolonização do paradigma predominante de missão, especialmente práticas missionárias que se desenvolveram nas regiões da África, Ásia e América Latina.

A Missiologia do Sul poderia trazer uma abordagem contextualizada e integral da missão, que enfatiza a importância da adaptação da mensagem do evangelho e das práticas missionárias às culturas e contextos locais. Ela valoriza o empoderamento de lideranças locais dando real protagonismo para vozes que foram silenciadas durante séculos e intencionalmente ignoradas pelo colonialismo.

Considerando a relação norte-sul, contextualizar tem a ver com metodologias e estratégias de trabalho nas abordagens para um determinado contexto. Pode até incluir busca por compreensão da cosmovisão local e desejo de produzir juntos, mas o norte sempre será superior, dará a palavra final e vai ser a referência a seguir.

Descolonizar tem a ver com disposição não só para rever métodos, mas mudança de atitude e decisão de ouvir o outro.

[7] DE SOUSA SANTOS; MENESES (orgs.), 2010.

Tem a ver com valorização e respeito a alteridade, não só “se colocar no lugar do outro”, mas buscar uma real identificação de propósitos e se tornar um deles. Equiparar, sentar na mesma mesa, dar voz às visões diferentes de mundo e opiniões que foram silenciadas tanto tempo e finalmente alcançar o mesmo peso de decisão e fala. É buscar objetivos comuns e não só determinação em cumprir metas com decisões unilaterais.

Não estamos em busca de uma missiologia que responda só a contextos do Sul Global, ou tenha mais sentido para estas regiões, mas lembrando que o paradigma missiológico ocidental foi formatado a partir de um contexto onde a igreja buscava formas de entender seu posicionamento diante das correntezas geradas pelas ideias iluministas que ameaçavam sua identidade, e ela para garantir sua sobrevivência, se resignou e se acomodou a uma posição imposta pelos novos movimentos de focar somente no “cuidado das almas”, enquanto os problemas da sociedade e do ser humano em geral não faziam parte da sua esfera de ação.

Como família de Deus ao redor do planeta, se queremos de fato cumprir nossa missão na sociedade contemporânea e impactar comunidades, precisamos reconsiderar nossos métodos de abordagens, estar dispostos a reconhecer onde nos perdemos e ter a coragem para analisar qual prática missional podemos adotar que preserve os princípios da Palavra de Deus, obedeça ao mandato de Jesus e ao mesmo tempo tenha uma linguagem que consiga criar espaços de diálogo com diferentes segmentos da sociedade.

Em 1 Coríntios 9:19-23, o apóstolo Paulo escreve que não só temos uma mensagem a oferecer, mas devemos ser uma mensagem! Não só falar, mas viver de coração... ser uma Mensagem. “...Tornei-me um servo voluntário de todos para alcançar todo tipo de gente, entrei no mundo deles e compartilhei da realidade deles. Fiz tudo por causa do Evangelho”.

Tanto o “tornei-me” quanto “fiz-me escravo”, estão juntos na mesma palavra no grego (doulos). Paulo fala sobre abrir mão das próprias vontades e direitos, a fim de alcançar a todos. É a imersão na cultura do outro, a fim de compreender as lógicas que regem seu contexto para que a efetividade do evangelho atravesse toda e qualquer cultura. No verso 23 ele revela sua grande motivação: “faço tudo isso por causa do evangelho, para ser coparticipante dele”.

Neste mundo atual cada vez mais fragmentado, definitivamente o que somos e como vivemos vai comunicar com maior eficiência e causará mais impacto do que uma vida religiosa que ainda preserva estratégias eclesiocêntricas de convidar pessoas para receber a salvação dentro da sua igreja. Relacionamento pessoal com Deus será mais importante do que fazer coisas para Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Novos tempos trazem novos desafios que nos confrontam a reconsiderar nossa cosmovisão e nossos paradigmas.

A Igreja de Cristo encontra seu sentido de existir aqui na terra quando ela foca em servir a Missio Dei, e decide participar do que Deus está fazendo no mundo! Ela se envolve com a ordem de Jesus em Suas últimas palavras, de fazer discípulos de todas as nações. Em João 20:21 Jesus afirmou: “Assim como o Pai me enviou eu também vos envio”. Ele nos envia para ensinar outros a obedecerem tudo o que Ele ordenou e sermos Seus representantes em diferentes segmentos da sociedade. Por isso não podemos fragmentar o propósito da missão recebida só a “ganhar almas”.

Reduzir toda a nossa missão aqui neste mundo à “pregação para salvação de almas” é uma herança religiosa colonialista que reproduzimos, focada em gerenciabilidade, cumprimento de metas e objetivos que invisibiliza o outro.

Enquanto o paradigma salvacionista tem uma lógica eclesiocêntrica e reduz o objetivo primordial da missão em ações dos cristãos para propagar o cristianismo, o paradigma da Missio Dei é Teocêntrico e trinitário, que promove um maior engajamento do povo de Deus e traz compromisso com o que Deus quer fazer no mundo. O primeiro é perigoso pois pode se tornar antropocêntrico e desviar o foco do protagonismo de Deus, mas o segundo reconhece o sacerdócio de todo cristão, a diversidade das vocações no cumprimento dos propósitos de Deus para este mundo.

Incluiria trabalhar por uma cultura de fronteira, que consiga ter uma interação multicultural com outras vivências e novas realidades, mas sempre atentos aos direcionamentos de Deus e às necessidades do outro, numa busca incessante por respostas contextualizadas. Sim, precisamos não só conquistar o direito de ser ouvidos, mas decidir ouvir o outro!

Definitivamente missão agora não será só “trazer pessoas para a igreja”, mas ser presença de Deus na sociedade, servir, buscar a sintonia com o que Deus quer fazer no mundo, entender sua vocação e se engajar no cumprimento do propósito de Deus para toda a Sua criação.

E, se a missão é o movimento de Deus (Motus Dei) em direção ao mundo, precisamos estar atentos aos sinais dos tempos e lembrar que não só temos uma mensagem para as pessoas, mas devemos ser uma mensagem!

REFERÊNCIAS

CONVENÇÃO SOBRE A PROTEÇÃO E PROMOÇÃO DA DIVERSIDADE DAS EXPRESSÕES CULTURAIS, PARIS, 20 DE OUTUBRO DE 2005, 2005, Paris. **Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais** [...]. Brasília : UNESCO, 2005: [s. n.], 2005.

21 p. Disponível em:

<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000149742/PDF/149742por.pdf.multi>. Acesso em: 22 dez. 2023.

DE SOUSA SANTOS, Boaventura et al. **Construindo as epistemologias do Sul**: Antologia esencial: volume II: Para um pensamento alternativo de alternativas. 1ª. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018. 746 p. v. 2. ISBN 978-987-722-383-5.

DE SOUSA SANTOS, Boaventura. **Descolonizar**: abrindo a história do presente. 1ª. ed. São Paulo: Boitempo, 2022. 128 p. ISBN 9786557172087.

DE SOUSA SANTOS, Boaventura; MENESES, Maria Paula [orgs.]. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. ISBN 978-85-249-2107-0.

HIEBERT, Paul G. **O Evangelho e a diversidade das culturas**: um guia de antropologia missionária. 1ª. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008. 312 p. ISBN 8527502690.

HIEBERT, Paul G. **Transformando cosmovisões**: uma análise antropológica de como as pessoas mudam. 1ª. ed. São Paulo: Vida Nova, 2016. 400 p. ISBN 9788527506182.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado**: precedido de retrato do colonizador. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. 192 p. ISBN 978-8520007709.

REFERÊNCIAS

MOVIMENTO LAUSANNE. **Compromisso da Cidade do Cabo**: uma declaração de fé e um chamado para agir. 1ª. ed. Viçosa: Ultimato, 2011. 148 p. ISBN 978-8586936814.

NASCIMENTO, Analzira. **Missão e alteridade**: Descolonizar o paradigma missiológico. Orientador: Jung Mo Sung. 2013. 165 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Faculdade de Humanidades e Direito, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2013.

NASCIMENTO, Analzira. **Evangelização ou colonização**: o risco de fazer missão sem se importar com o outro. 1ª. ed. Viçosa: Ultimato, 2015. 160 p. ISBN 978-8577791170.

TODOROV, Tzvetan. **Nós e os outros**: a reflexão francesa sobre a diversidade humana. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. 194 p. v. 1. ISBN 978-8571102620.

TODOROV, Tzvetan. **Medo dos bárbaros**: para além do choque das civilizações. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010. 240 p. ISBN 978-8532639868.

WRIGHT, Christopher J. H. **A missão de Deus**: desvendando a grande narrativa da Bíblia. 1ª. ed. São Paulo: Vida Nova, 2014. 576 p. ISBN 978-85-275-0590-1

Texto recebido em 10.12.2023 e aprovado em 22.12.2023

CAMINHOS PARA DESCOLONIZAR A PRÁTICA MISSIONÁRIA DA IGREJA AFRICANA

Jesus Coragem Abel

Mestrando em Missiologia no Seminário Teológico Baptista no Huambo, Angola, África. ORCID:
0009-0009-8212-9839

CAMINHOS PARA DESCOLONIZAR A PRÁTICA MISSIONÁRIA DA IGREJA AFRICANA

Resumo

Nos últimos anos, a igreja angolana tem sido alvo de fortes acusações por parte de muitos nativos. Ela é apontada como uma instituição que foi conivente no processo da colonização ambiciosa e uma das grandes responsáveis pela perda identitária e abandono de muitas práticas culturais locais. Segundo os seus acusadores, a igreja africana serviu de depositária da teologia ocidental que moldou a vida dos nacionais aos padrões europeus. O presente artigo reconhece que o modelo missionário da igreja africana é de matriz ocidental, e foi implantado no contexto da colonização em que a valorização da cultura do colonizador era superestimada em detrimento da cultura local. E, para compreender a colonização de África, faz-se uma breve retrospectiva histórica que evidencia os motivos da colonização e a sedimentação da visão ocidental em relação ao povo e a cultura africana. O autor defende que o genuíno evangelho de Cristo respeita todas as culturas, e ao invés de deformá-las, ele as transforma e purifica. Nos tempos atuais algumas igrejas africanas entendem que há uma necessidade da busca por alternativas de um novo paradigma teológico-missionário que respeita e valoriza a cultura local e que procura responder às perguntas do seu entorno. A igreja africana é, portanto, desafiada a colocar a Bíblia e a cultura local em diálogo para desenvolver uma prática missionária relevante em seu contexto.

Palavras-Chave: Descolonização, cultura local; prática missionária; modelo missionário; Igreja Africana.

Abstract

In recent years, the African church has been the target of strong accusations from many natives. It is identified as an institution that was complicit in the colonization process and one of those largely responsible for the loss of identity and abandonment of many local cultural practices. According to its accusers, the African church served as the repository of Western theology that shaped the lives of natives to European standards. This article recognizes that the missionary model of the African church is still Western in origin, and was implemented in a context of colonization in which the value of the colonizer's culture was overestimated to the detriment of local culture. And, to understand the colonization of Africa, a brief historical retrospective is made that highlights the reasons for colonization and the sedimentation of the Western vision in relation to the African people and culture. The author argues that the genuine gospel of Christ respects all cultures, and instead of deforming them, it transforms and purifies them. Nowadays, some African churches understand that there is a need to search for alternatives for a new theological-missionary model that respects and values the local culture and that responds to the questions of those around them. The African church is therefore challenged to put the Bible and local culture in dialogue to develop a missionary practice relevant to its context.

Keywords: Decolonization; missionary practice; missionary model; African Church.

Introdução

Nos últimos anos, a Igreja africana tem sido alvo de fortes acusações por parte de muitos nativos. Ela é apontada como uma instituição que foi conivente com o processo predatório cultural da colonização e uma das grandes responsáveis pela perda identitária e abandono de muitas práticas culturais locais. Segundo os seus acusadores, a igreja africana serviu de depositária da teologia ocidental que moldou a vida dos nativos aos padrões europeus. [MOU1] Essas acusações, têm gerado uma espécie de aversão ao cristianismo por parte dos nativos, pois, o quadro e a tônica do discurso que se tem difundido a respeito dele, é que o cristianismo é uma religião má e destruidora das culturas.

Nos tempos hodiernos o modelo teológico ocidental apresenta-se no auge da exaustão, por não estar a responder satisfatoriamente as problemáticas socioculturais locais, imperando assim, a necessidade da busca por alternativas de um novo paradigma missionário local. Porque nenhuma prática missionária poderá ser relevante a menos que seja sensível às necessidades do seu contexto, isto é, que dê respostas aos desafios locais. E o evangelho bíblico responde as necessidades temporais e eternas, mas ele é também o purificador da cultura. O contexto atual exige da igreja africana um posicionamento que respeita e valoriza a sua cultura. Portanto, traz-se à discussão a busca por caminhos alternativos para a descolonização da prática missionária da igreja africana de modos a dar respostas bíblicas e satisfatórias aos desafios locais e ao mesmo tempo mitigar os efeitos negativos da colonização de que ela tem sido alvo.

O CONTRIBUTO DAS AGÊNCIAS MISSIONÁRIAS NO PERÍODO COLONIAL

Antes que se diga qualquer coisa, é de suma importância reconhecer que a presença das agências missionárias evangélicas durante o período colonial redundou em grandes contributos nos países da África negra, na criação de infraestruturas e disposição de serviços sociais, mas sobretudo, no âmbito da escrita e da clareza do evangelho. Os códigos escritos não eram comuns na África subsaariana cuja transmissão dos conhecimentos era feito através da tradição oral.

Na África negra, a tradição oral não é apenas fonte principal de comunicação cultural. É uma cultura própria e autêntica porque abarca todos os aspectos da vida e fixou no tempo as respostas às interrogações dos homens. Relata, descreve, ensina e discorre sobre a vida [...]. [1]

Essa dificuldade de fontes escritas das comunidade africanas é também observada por Caregnato, segundo o qual,

[...] ao realizar uma análise das comunidades étnicas que compõem o continente africano, anterior ao período da dominação colonial europeia, deparamo-nos com uma dificuldade evidente: a raridade de fontes escritas. Isso ocorre pelo fato de essas comunidades não terem desenvolvido sistemas grafais, sendo necessária uma análise acerca de suas tradições orais e, mais especificamente, dos relatos e textos escritos deixados pelos europeus, em sua maioria religiosos, que registraram suas impressões sobre o que encontraram na África. [2]

[1] ALTUNA, P. R. R. D. A. **Cultura Tradicional Banto**. 2ª. ed. Luanda: [s.n.], 1993.

[2] CAREGNATO, Lucas. **Em Terras do Ngola e do Manikongo**: descrição dos reinos do kongo e ndongo no século XV. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH. São Paulo, Julho 2011. p. 3-4.

Importa realçar que o texto acima espelha em parte um facto histórico no contexto da África negra ou subsariana, pois que, no que concerne à realidade do Norte de África ou África branca, Oden (2022) assinala não só a existência dos sistemas grafais mas também da tradição oral. Porém, lamentavelmente, essa particularidade da tradição oral na África subsariana levou muitos ocidentais a concluírem que a África negra era um continente sem educação e história, e confundiram a ausência de sistemas grafais[3] com a ausência de cultura e presença de carências metafísicas. Mas como diz Altuna (1993, p. 32), “a África não possui escrita, mas isso não impede que conserve um passado e que os seus conhecimentos e cultura sejam transmitidos e conhecidos”. Aliás, ele também caracteriza os povos ágrafos como sendo povos de extraordinária memória e reconhece a prodigiosa memória negra.

Portanto, os negros “conhecem milhares de contos, provérbios, lendas e mitos. Fixam as listas genealógicas, migrações, epopeias e guerras. Nunca esquecem os usos, ritos, crenças e costumes.” [4]

Faltou por parte dos europeus, entender que o africano sabe o que fala mesmo que não escreva o que sabe. Ele regista na memória antes de registar no papel. Por que existe uma diferença entre o saber e a escrita.

A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber. O saber é uma luz para o homem. É a herança de tudo aquilo que os antepassados conheceram e transmitiram em germen, à maneira do baobá que em potência se encontra já na semente. [5]

[3] Altuna evidencia que pese embora a grande maioria da África subsaariana não tenha desenvolvido os sistemas grafais, alguns grupos como os Mandingo, Dogão, Bambara e Bozo usaram expressões gráficas.

[4] ALTUNA, 1993, p. 34.

[5] HAMPATE, 1975, p.88 apud ALTUNA, 1993, p. 32

Portanto, o desenvolvimento da escrita em grande parte da África subsaariana deveu-se ao contacto dos colonizadores com os povos africanos. E as agências missionárias tiveram um papel preponderante no quesito da alfabetização dos povos africanos.

Por outro lado, um outro contributo das agências missionárias está diretamente relacionado com a clareza da mensagem do evangelho. Sabe-se que, apesar de o povo africano na sua cosmovisão ser monoteísta e admitir a existência de um Deus soberano e criador de todas as coisas, na África subsaariana não havia muita clareza sobre a Pessoa e o sacrifício de Jesus Cristo em prol da humanidade. Essa mensagem veio a ser bem enfatizada pelas agências missionárias levando milhares de africanos à conversão ao cristianismo. Muito poderia ser dito sobre o contributo das agências missionárias europeias em solo africano, entretanto, limitamo-nos destacando esses dois factos históricos, a saber: o desenvolvimento da escrita e a ênfase na pessoa de Jesus como o redentor da humanidade.

E, se por um lado temos os contributos das agências missionárias em África na era colonial, por outro lado temos algumas práticas negativas que os povos ocidentais trouxeram e praticaram nesse continente, a exemplo da colonização, o tráfico de escravos, a expropriação das terras dos autóctones, a perda identitária e a deturpação da cultura local, só para citar alguns. Mas é necessário que se fale um pouco do processo da colonização para entendermos o modelo missionário atual da maioria das igrejas africanas.

A COLONIZAÇÃO DE ÁFRICA E O IMAGINÁRIO OCIDENTAL

Tem se dito, que a colonização da África subsaariana terá sido das piores colonizações não só pelo tempo de duração - perdurou por quase 5 séculos - mas também pela forma como esse povo foi colonizado. E, uma das questões que nos pode ajudar a compreender o processo da colonização de África é saber quais foram os motivos que estariam na base de tal colonização.

A visão que se tem de um povo determina como ele será tratado. Com relação aos africanos, os ocidentais tinham o conceito de que África era um continente perdido e sem cultura, e portanto, precisava ser evangelizado e civilizado, e nessa senda, a exploração encontrou uma oportunidade. Como diz Oliva [6], os historiadores são “aqueles que têm por ofício lembrar o que todos esqueceram.” Por isso, precisamos fazer um curto, porém, necessário exercício de trazer à memória alguns factos históricos, não com objetivo de fazer renascer alguma raiz de amargura ou vivificar um passado doloroso e deprimente, pelo contrário, nossa perspectiva é simplesmente analisar como as nossas ideias determinam as ações que vamos adotando no nosso quotidiano.

Os motivos da colonização da maioria dos países de África encontram várias explicações, que vão desde concepções e narrativas exacerbadas de uma África depreciada e sombria, como apresentada em muitos dos livros de historiadores e etnólogos ocidentais, até a errôneas interpretações bíblicas. A grande maioria dos escritos sobre África, compilados pelas potências colonizadoras estão mais amplamente relacionadas com o “imaginário dos seus autores do que com as realidades do mundo negro.” [7]

[6] OLIVA, Anderson Ribeiro. **A história da África em perspectiva**. Ensaio publicado na Revista Múltipla, vol. 10 - nº 16, Junho de 2004. p. 10.

[7] TEODORO, apud CORREIA, 2012, p.14.

Essa concepção deturpada de África também influenciou muitos missionários a criarem imagens de África como um lugar no qual os seus habitantes precisavam ser evangelizados para se tornarem “civilizados”. Oliva [8], destaca que quando os missionários chegaram em Angola, “os trabalhos desses homens foram marcados pela convicção de que a Europa era uma civilização infinitamente superior.” Por isso, eles pouco queriam saber, de facto, quem eram os africanos e o porquê do seu jeito de ser, pelo contrário, eles determinaram quem o povo deveria ser e o que deveria fazer, e julgaram as suas práticas culturais sem saber o seu real significado.

Para sabermos como funciona uma cultura, não basta fazermos uma descrição do que observamos do comportamento humano naquela sociedade. É necessário que entendamos o porquê dos acontecimentos – a lógica da cultura [9]

Conforme foi dito, uma das razões que reforçou a imagem negativa de África diante do ocidente foram as imprecisões de algumas obras escritas por europeus. Segundo Correia [10], os trabalhos elaborados a respeito da história de África surgidos nas décadas de 1930 e 1950 foram feitos em grande parte por antropólogos ou etnólogos que ainda não tinham um treinamento adequado em história africana. Isso os induziu, muitas vezes, a considerar as sociedades africanas como estáticas ou exóticas, sem apresentar, necessariamente, uma abordagem histórica das mesmas.

[...] o imaginário dos navegantes iria, de forma intensa, acentuar as leituras fantásticas e depreciativas acerca da África. Os temores sobre o Mar Oceano e acerca da região abaixo do Equador iriam alimentar as elaborações e representações dos europeus sobre os africanos. Monstros, terras inóspitas, seres humanos deformados, imoralidades, regiões e hábitos demoníacos iriam ser elementos constantes nas descrições de viajantes, aventureiros e missionários. [11].

[8] Oliva (2004) p.14

[9] BURNS; AZEVEDO e CARMINATI, 1996, p.26

[10] CORREIA, Stéphanie Caroline Boechat. **O Reino Do Congo E Os Miseráveis Do Mar: o congo, os sonhos e os holandeses no Atlântico 1600 -1650**. 2012. Dissertação (Mestrado em História). UFF, Niterói.

[11] OLIVA, 2004, p.13,14.

Isso nos leva a inferir que uma das razões pelas quais parte significativa da história de África sofreu grande influência negativa deve-se ao facto de ela ter sido escrita pelos colonizadores, sob a perspectiva do dominador e estrangeiro e não sob a perspectiva do dominado e nativo. Quando assim acontece, a tentação de se narrar a história sob uma visão ética e preconceituosa dos povos nativos é maior, enquanto deveria ser sob uma perspectiva êmica, isto é, dando ao povo o direito e a oportunidade de explicar e dar sentido às suas práticas culturais.

Parece que o que mais interessava aos europeus na África eram eles mesmos: a história do comércio e da diplomacia, da invasão e da conquista, fortemente infundidos com suposições sobre a superioridade racial que sustentou a dominação colonial. [12]

E, talvez seja em função desse interesse pessoal que fez com que nos escritos dos historiadores colonialistas, a África apareça sempre como “um pequeno apêndice, em um número reduzido de páginas, de extensas obras que tratavam da construção das histórias dos impérios europeus” [13]. Só a partir de finais do século XIX é que se começa a discutir a possibilidade de se fazer uma abordagem sobre a existência de uma história e identidade africana, porque nos séculos anteriores os historiadores consideravam a África como uma sociedade sem história.

Essa visão sobre África, como um continente sem história para contar ao mundo, levou inclusive, o filósofo Frederic Hegel a afirmar que,

A África não é uma parte histórica do mundo. Não tem movimentos, progressos a mostrar, movimentos históricos próprios dela. Quer isto dizer que sua parte setentrional pertence ao mundo europeu ou asiático. Aquilo que entendemos precisamente pela África é o espírito a-histórico, o espírito não desenvolvido, ainda envolto em condições de natural e que deve ser aqui apresentado apenas como no limiar da história do mundo. [14]

[12] FREUND apud OLIVA, 2004, p.21

[13] OLIVA, 2004, p.22

[14] HEGEL apud OLIVA, 2004, p.19

Muitos escritores seriam influenciados por esse parecer, de modo que, pensadores como H. Schurz, chegaram a comparar a “história das raças da Europa à vitalidade de um belo dia de sol, e a das raças da África a um pesadelo que logo se esquece ao acordar” [15]. Porém, o renomado professor da Universidade de Oxford, Sir Hugh Trevor-Hoper iria mais longe ao afirmar, em 1963, que,

Pode ser que, no futuro, haja uma história da África para ser ensinada. No presente, porém, ela não existe; o que existe é a história dos europeus na África. O resto são trevas [...], e as trevas não constituem tema de história [...] divertirmo-nos com o movimento sem interesse de tribos bárbaras nos confins pitorescos do mundo, mas que não exercem nenhuma influência em outras regiões. [16]

Todas essas falas estão baseadas na premissa segundo a qual a ausência de códigos escritos numa cultura pressupõe ausência de história e conseqüente inferioridade dessa cultura. Mas como já vimos acima, esse pensamento constitui uma falácia[17]. Na verdade, o preconceito existente sobre África e os africanos remonta a milênios. De ressaltar que o próprio nome África[18] é provavelmente, um termo que os europeus atribuíram a esse continente, especialmente para se referir aos povos que vivem na zona abaixo da linha equatorial, onde preponderam povos de pele negra. Oliva defende que,

[...] a cor negra, associada à escuridão e ao mal, remetia no inconsciente europeu, ao inferno e às criaturas das sombras. O Diabo, nos tratados de demonologia, nos contos moralistas e nas visões das feiticeiras perseguidas pela Inquisição, era, coincidentemente, quase sempre negro [...]. [19]

[15] SCHURZ apud OLIVA, 2004, p.19

[16] Ibidem

[17] Consulte-se ALTUNA, P. R. R. D. A. **Cultura Tradicional Banto**. 2ª. ed. Luanda: [s.n.], 1993. p.32-34.

[18] Consulte-se OLIVA, Anderson Ribeiro. **A história da África em perspectiva**. Ensaio publicado na Revista Múltipla, vol. 10 – nº 16, Junho de 2004, p.12.

[19] Ibid., pg. 13,14.

O historiador Heródoto citado por Oliva [20] considerava a África como sendo “a mais remota das regiões habitadas”, e talvez os primeiros sinais de racismo encontrem sustentação na obra de Heródoto, na qual faz várias referências aos Etíopes, a ponto de sugerir que “se comparados a outros povos, como os gregos e egípcios[21], os etíopes seriam inferiores, bárbaros – sem civilização – e identificados como trogloditas.” [22]

Portanto, ideias como o calor intenso e insuportável, as deformações e incapacidades físicas causadas pelo clima e a crença de que abaixo da linha equatorial somente criaturas com sérias deformações poderiam sobreviver tiveram participação chave nas explicações dos teólogos e geógrafos medievais sobre o continente. [23]

Entretanto, além de todo esse imaginário associado à África, pesava também uma errônea interpretação bíblica, segundo a qual, os africanos teriam recebido uma maldição divina, e deveriam ser escravos e carrascos de outros povos. As referências do povoamento da Terra pós-dilúvio foram esse elemento integrante das visões de mundo que associava a África à um lugar de punição, pois é nela que Cam, o filho de Noé vai habitar. Essa crença ficou tão impregnada na consciência coletiva do ocidente, de tal modo que até o “ano mil”, as imagens sobre os africanos já estavam completamente tangidas pelo imaginário da cristandade.

Portanto, África era considerada como o continente perdido que precisava ser resgatado e civilizado enquanto se exploravam as suas riquezas. À luz desse quadro, os demais povos sentiam-se no direito de pisotear os africanos, escravizá-los, saqueá-los e fazer o que bem entendessem, pois, na visão deles, África estaria a pagar e experimentar a consequência da maldição divina, sendo estes povos, os instrumentos através dos quais Deus estaria a manifestar o seu castigo.

[20] OLIVA, 2004, p.12

[21] Observe-se que nesse contexto, a despeito do Egito ser parte de África ele é posto em oposição a África [negra] em função da coloração da pele.

[22] HERÓDOTO, apud OLIVA, 2004, p.12

[23] Consulte-se OLIVA, Anderson Ribeiro. A história da África em perspectiva. Ensaio publicado na Revista Múltipla, vol. 10 – nº 16, Junho de 2004. .

Um último elemento que faria parte na construção do imaginário ocidental sobre África viria a ser a teoria da Evolução sustentadas por Darwin, que sugeria que o negro africano seria menos evoluído em relação a “raça” branca.

Aos preconceitos anteriores, articulam-se, no século XIX, as crenças científicas, oriundas das concepções do darwinismo social e do determinismo racial, que alocaram os africanos nos últimos degraus da evolução das “raças” humanas. Infantis, primitivos, tribais, incapazes de aprender ou evoluir, os africanos deveriam receber a benfazeja ajuda europeia por meio das intervenções imperialistas no continente. [24]

É muito provável que essa teoria tenha sido a principal catalizadora da segregação racial na história da humanidade. E, segundo Frantz Fanon [25], o racismo constituiu a base fundamental para “a manutenção da dominação europeia sobre os demais povos, pois o europeu teria, no inconsciente da coletividade o que chamou de “complexo de autoridade”, isto é, a ideia de si mesmo como um tipo superior de homem.” Essa visão levou o ocidente a olhar o africano como um povo impotente que sem os “cuidado caridoso” do ocidente não sobreviveria. A teoria camita e a fusão da cartografia de Cláudio Ptolomeu com a cosmologia cristã relegaram a África e os africanos “às piores regiões da Terra.”

Portanto, todo esse imaginário influenciou os europeus a negar a possibilidade de ver os africanos como pessoas capazes de qualquer criação maior, tanto no campo da agricultura, das tecnologias, da arquitetura e da epistemologia. E, apesar das imponentes e complexas obras estatuárias (e não só), encontradas no continente africano, a afirmativa deveria ser mantida.

[24] OLIVA, Anderson Ribeiro. **A história da África em perspectiva**. Ensaio publicado na Revista Múltipla, vol. 10 – nº 16, Junho de 2004. p. 17.

[25] apud ALVES, 2015, p. 36

Os europeus se esforçaram para encontrar explicações sobre o que passaram a encontrar no continente, explicando por exemplo, que as obras imponentes encontradas em África eram “frutos de interferências de outras civilizações na África negra, e não criação africana” [26], ou no mínimo, eram apenas uma cópia inferior das obras produzidas em outros lugares. Resumidamente, “o protagonismo histórico negro, quando não negado ou ignorado, foi distorcido [...]”[27] Todavia, não podemos esquecer ou desconsiderar a história de África, pois, ela é, como diz Oliva [28], a região do mundo de mais longa historicidade, e foi palco de diversificadas experiências sociais e múltiplos fenômenos culturais.

REPERCUSÕES DA COLONIZAÇÃO NA IGREJA AFRICANA

A colonização trouxe sérias consequências no pensamento e na autoestima dos africanos. Ela se efetivou durante quase 5 séculos como já dissemos, e produziu na consciência coletiva dos africanos um sentimento de autoexclusão depreciativa, de complexos de inferioridade. É quase uma herança genética. Muitos africanos têm sérias dificuldades de se enxergar como seres humanos capazes de realizar coisas grandiosas, porque foram acostumados a ouvir repetidas vezes o que chamamos de discurso da impotência africana. Essa realidade é extensiva em todas as esferas, quer social, quer política, quer cultural e religiosa. No âmbito religioso, a igreja africana foi influenciada não só a adotar – por imposição – práticas culturais e eclesiásticas dos missionários pioneiros, mas também, a depreciar certas práticas culturais que lhes eram características. De acordo com Nascimento [29], o modelo de missão que predomina, principalmente no mundo evangélico, continua reproduzindo a mesma lógica colonialista eurocêntrica de dominação, que em sua abordagem verticalista reforça a negação da identidade do outro e o reduz a objeto.

[26] OLIVA, 2004, p.20

[27] PROENÇA; Paulo Sergio de. Horizonte, Belo Horizonte, v. 17, n. 54, p. 1663-1668, set./dez. 2019 – ISSN 2175-5841. Resenha de sobre o livro de CHIZIANE, Paulina; MARTINS, Mariana. **Ngoma Yethu: o curandeiro e o Novo Testamento**. Belo Horizonte: Nandyala, 2018.

[28] OLIVA, 2004, p.18.

[29] NASCIMENTO, 2015, p.12

Por isso, muitos africanos leem dezenas de vezes suas bíblias mas talvez nunca tenham conseguido enxergar nela o “lado bom de África” porque foram acostumados a lê-la sob a perspectiva ocidental, e sempre que tal acontece, África é vista como o lugar das desgraças.

A maioria dos missionários ocidentais em solo africano não souberam diferenciar a sua cultura da doutrina bíblica, pelo contrário, impuseram suas crenças como verdade absoluta e encontraram uma forma de embasá-las na Bíblia mesmo que de modo descontextualizado. Não se pretende inferir – de modo nenhum – que todas as práticas da cultura europeia sejam antibíblicas, mas que nem tudo que é da cultura europeia faz sentido no contexto africano. O fato é que muitas práticas culturais africanas foram interpretadas como antibíblicas quando na verdade eram apenas antieuropeias. Essa rejeição da cultura africana trouxe muitos prejuízos, pois, ignorou-se completamente a identidade de um povo e o facto de que Deus é também o criador da diversidade cultural.

A verdade é que o cristianismo em toda a sua história incorporou práticas de outras culturas, mas quando chegamos no contexto africano parece que rejeitamos a associação dos aspectos da cultura africana como sendo erradas. Porque infelizmente os primeiros missionários e colonizadores não consideraram que em todas as culturas existem elementos positivos, negativos e neutros. Ao invés disso, diabolizaram quase tudo que era de origem africana e divinizaram as práticas culturais ocidentais.

Lamentavelmente, a igreja na África hoje ainda é fortemente influenciada por modelos trazidos do exterior. E, enquanto a igreja africana continuar reproduzindo um paradigma missionário ocidental, a prática missionária que predomina em nosso meio estará fadada a cometer os mesmos erros que a igreja no ocidente cometeu. Pois, como sabemos, a grande tendência ocidental é de padronizar como devem ser as igrejas em todos os contextos sem se dissociar do seu padrão.

Isso, além de não funcionar, é contra a Bíblia que respeita a diversidade cultural. Como diz Nascimento, [30], “a intransigência, a uniformização e o dogmatismo são manifestações do modelo medieval que herdamos e ainda influencia o nosso modo de pensar.” Há, portanto, uma necessidade de a igreja africana se desprender de certas práticas missionárias herdadas no processo da colonização, como a tendência de modelar as novas congregações às características das chamadas “Igrejas-mãe”, de perpetuar a dependência ou parasitismo das novas congregações à “Igreja-mãe” até que esta a considere como autónoma. Essa autonomia precisa ser reconhecida desde o momento da organização da comunidade, tendo esta a liberdade de escolher os programas que melhor se adequem à sua realidade. A igreja africana precisa, também, evitar depreciar a sua cultura local antes de fazer uma profunda reflexão sobre a Bíblia e sua cultura para confrontar se a mesma deturpa os princípios norteadores da Palavra de Deus.

Mesmo sem um estudo aprofundado, tem se observado que em África as igrejas com o maior índice de crescimento parecem ser aquelas que se identificam mais com as culturas africanas do que aquelas que estão empenhadas apenas em diabolizar e rejeitar muitos aspectos socioculturais do continente berço. Porque o entendimento atual de muitos cristãos africanos é de que o que deve ser negado na cultura africana não são os aspectos que são considerados negativos do ponto de vista da visão ocidental, mas os que são negativos do ponto de vista bíblico. O contexto africano tem muitas perguntas que a teologia ocidental não responde, ou pelo menos não responde satisfatoriamente, e a relevância de qualquer teologia está no facto de ela dar respostas satisfatórias às perguntas que o contexto levanta.

[30] NASCIMENTO, 2015, p.25.

A BUSCA POR DESCOLONIZAÇÃO TEOLÓGICO-MISSIONAL NA IGREJA AFRICANA

A Igreja Africana aos poucos começa a entender que precisa ler a Bíblia com lentes africanas, e para que tal aconteça é necessário descolonizar o pensamento africano. A igreja africana precisa começar a “pensar a partir do Hemisfério Sul, aceitando o desafio de trabalhar de uma forma contra-hegemônica, que consiga superar a matriz dominante” (NASCIMENTO, 2015, p.24). Ela precisa rever muitos dos seus conceitos, como o casamento por exemplo, pois, muitas igrejas ainda não reconhecem como legítimos e legais práticas como o “Alambamento”[1], que é o casamento original da cultura africana e que tem paralelo com o casamento bíblico. Os estilos e instrumentos musicais precisam ser reavaliados, pois os de produção africana ainda são vistos com suspeitas e muitas vezes associados à práticas de feitiçaria e misticismo, enquanto que os instrumentos e estilos musicais de origem estrangeiras são sacralizados. Outros desafios do contexto africano que a igreja precisa refletir a respeito são, por exemplo, a questão do feitiço, da tala[2], do misticismo, do casamento e da poligamia, do tribalismo, da pobreza extrema e da desigualdade social, das guerras civis e étnicas e da ancestralidade e espiritualidade africana, só para citar alguns.

Por outro lado, é preciso que o ocidente reconheça que a religiosidade africana “não é (necessariamente) antibíblica, nem culturalmente inferior, pois a África não está e nunca esteve em trevas.”[34] Deus sempre esteve em África e o povo africano sempre se relacionou com Ele à sua maneira.

[31] NASCIMENTO, 2015, p.24.

[32] O Alambamento é considerado como casamento original dentro da cultura angolana, onde as famílias do noivo levam os dotes à família da noiva para que estes formem uma nova família.

[33] A “Tala” é uma espécie de “mina tradicional” cuja medicina convencional não consegue dar respostas. À menos que o paciente que acionou na “Tala” seja tratado por um naturopata ou curandeiro, as chances de recuperação é quase nula.

[34] PROENÇA; Paulo Sergio de. Horizonte, Belo Horizonte, v. 17, n. 54, p. 1663-1668, set./dez. 2019 – ISSN 2175-5841. Resenha de sobre o livro de CHIZIANE, Paulina; MARTINS, Mariana. **Ngoma Yethu: o curandeiro e o Novo Testamento**. Belo Horizonte: Nandyala, 2018.

O ocidente precisa reconhecer a importância da voz autóctone e admitir que “o reconhecimento da diversidade/pluralidade é fundamental no diálogo intercultural...” [35]. Ao invés de normatizarem o que os africanos devem fazer, devem antes “saber o porquê” que eles fazem do jeito que fazem, porquê que cantam, dançam, oram, ofertam, etc. de tal maneira. E, quando se faz uma análise despreconceituosa a respeito de muitas práticas africanas descobre-se muitos paralelos com a Bíblia. Por isso, muitos há que defendem que “o cristianismo genuíno não é incompatível com as culturas africanas; ele também é parte da herança que os africanos legaram à humanidade.”[36]

Além de ser bíblica, a igreja em África precisa ser uma igreja africana e não uma igreja ocidental em África. Isso não significa rejeitar tudo que é ocidental, e nem aceitar tudo que é africano, mas filtrar sob a peneira da Palavra de Deus o que deve ser aceito, o que deve ser ressignificado e o que deve ser efetivamente rejeitado, quer seja da cultura ocidental, quer seja da cultura africana. A relevância da igreja local estará no facto de ela saber dar respostas satisfatórias às perguntas do seu entorno, para tal, as suas práticas missionárias não podem e nem devem estar dissociadas da sua realidade.

Segundo Akins [37] a ação missionária deve ser feita baseada “na Bíblia e na cultura do próprio país, e não na cultura de outros países. Também, não pode ser baseada nas tradições religiosas de uma cultura. De acordo com as características da Igreja neotestamentária, toda igreja deve ser “auto-governada, auto-sustentada e auto-propagadora, sob liderança de Deus”. [38]

[35] NASCIMENTO, 2015, p.24.

[36] Ibid, p.167

[37] AKINS, 2007, P. 18.

[38] Ibid, p.45.

Paul Hiebert emerge com o que chamaríamos de o “quarto princípio da autonomia da igreja” – o princípio da autoteologia. Segundo Hiebert [39] a autoteologia é um princípio que “reconhece que os cristãos precisam desenvolver teologias que tornem o evangelho claro em suas diferentes culturas”.

A[...] a maioria dos movimentos missionários tem provocado crises teológicas. Depois de três ou quatro gerações de uma igreja implantada numa nova cultura, surgem os teólogos locais que lutam com a questão de como o evangelho se relaciona com suas tradições culturais. E isso força os teólogos locais a desenvolverem novas teologias contextuais. [40]

David Bosch aponta para o esgotamento do paradigma ocidental defendendo que durante séculos, a teologia ocidental e as formas e práticas eclesiais ocidentais foram normativas e incontestes, inclusive nos “campos de missão”.

Hoje a situação é fundamentalmente distinta. As igrejas jovens recusam-se a se submeter a ditames e estão valorizando muito a sua “autonomia”. Além disso, a teologia ocidental atualmente é suspeita em muitas partes do mundo. Ela é muitas vezes tida como irrelevante, especulativa e produto de instituições que vivem numa torre de marfim. Em muitas partes do mundo está sendo substituída por teologias do Terceiro Mundo: teologia da libertação, teologia negra, teologia contextual, teologia minjung, teologia africana, teologia asiática e outras semelhantes. [41]

Essa crise contemporânea do modelo ocidental foi, em parte, causada pelo que Bosch denomina “motivos impuros”[42] como: a) o motivo imperialista (tornar os “nativos” sujeitos dóceis de autoridades coloniais); b) o motivo cultural (“missão” como a transferência da cultura “superior” do missionário); c) o motivo romântico (o desejo de ir a países e povos distantes e exóticos); e d) o motivo do colonialismo eclesial (o anseio de exportar nossa própria confissão e ordem eclesial a outros territórios).

[39] HIEBERT, 2014, p.217

[40] Ibid, p. 197.

[41] BOSCH, **Missão Transformadora**: mudanças de paradigma na teologia da missão. São Leopoldo: Sinodal, 2009 p.20.

[42] Ibid, p.21.

Em função desses motivos inadequados, “as igrejas jovens “plantadas” nos “campos da missão” se tornaram réplicas das igrejas da “frente doméstica” da agência missionária, “abençoadas” com toda a parafernália dessas igrejas, “incluindo tudo, desde harmônios até arquidiaconos.”[43] Essa espécie de parasitismo eclesiástico eurocêntrico, continua a se reproduzir na relação paternalista das igrejas e suas congregações.

Tim Keller também reconhece a necessidade de refletirmos profundamente sobre a nossa teologia e sobre a nossa cultura para compreender como as duas podem moldar o nosso ministério. Isso nos leva a escolher melhor dentre os métodos já existentes de ministérios ou desenvolver outros mais promissores. Isso evitará com que os líderes adotem programas e práticas ministeriais inadequadas tanto às suas crenças doutrinárias quanto ao seu contexto cultural. [44]

[...] os modelos missiológicos que adotamos devem resultar de forma natural, de uma reflexão sobre o evangelho e sobre os aspectos singulares da cultura ao redor. Para tal, o líder missionário deve estar dotado de uma correta visão teológica, que será aplicada ao que ele fará com sua doutrina em um tempo e em um lugar específico. [45]

Para se evitar os erros cometidos pelos missionários pioneiros em relação às práticas culturais autótonas, o missionário precisa, segundo Burns, Azevedo e Carminati

[...] conhecer profundamente a Bíblia e o que a Bíblia realmente ensina sobre tais coisas. Ele tem de conhecer também a sua própria cultura para poder compreender as razões básicas das suas próprias reações e pensamentos. Além disso, ele tem de conhecer de maneira “êmica” (de dentro da cultura – não de fora) a cultura dentro da qual vai trabalhar, para poder transmitir o verdadeiro ensino da Palavra de Deus, separando-o das práticas da sua própria cultura. Temos de levar a Palavra do Senhor para os povos, não a nossa cultura e nossos costumes. [46]

[43] BOSCH, **Missão Transformadora**: mudanças de paradigma na teologia da missão. São Leopoldo: Sinodal, 2009 p.21.

[44] KELLER, 2009, p.20

[45] Ibid, p.21

[46] CARMINATI, 1996, p.28, 29.

Sem dúvidas, o evangelho propõe mudanças para todas as culturas, e “uma teologia verdadeiramente autóctone deve não só reforçar os valores positivos da cultura na qual está sendo formulada, mas também deve desafiar aqueles aspectos que expressam as forças demoníacas e desumanizadoras do pecado”. [47]

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença ocidental em África trouxe contribuições significativas para o povo do continente, mas também deixou marcas de dominação que causaram estragos consideráveis na cultura e na população em geral especialmente com o tipo de colonização imposta aos povos autóctones. Há uma necessidade de a igreja africana agora olhar para o seu contexto e não ignorar mais as perguntas que ele levanta. As manifestações da cultura africana podem ser melhor explicadas e ressignificadas se buscarmos por uma prática missional que coloca a Bíblia em diálogo com a cultura local.

As manifestações da cultura africana podem ser melhor explicadas e ressignificadas se buscarmos por uma prática missional que coloca a Bíblia em diálogo com a cultura local. Os teólogos africanos são desafiados a articularem fóruns de reflexões missiológicas e antropológicas e, criar instituições de ensino teológico com currículos que considerem e valorizem o contexto local, produzir literaturas que visam desconstruir falsas concepções e dar respostas aos problemas socioculturais locais.

A igreja de Cristo é chamada a fomentar um estilo de vida pacífica interétnica e a compreender e enxergar a pluralidade étnica ou racial como expressão da beleza da criação divina.

[47] HIEBERT, 2014, p.56.

A igreja de Cristo precisa ser a voz que vive e proclama que todas as tribos, línguas, etnias, povos e nações são obras da criação divina, têm o mesmo valor e devem ser apreciadas juntamente com a sua cultura; sabendo que tais culturas têm uma razão de ser e o evangelho é suficiente para purificá-las nos aspectos que mancham a beleza da criação. Temos esperança que muitos aspectos positivos da cultura africana que foram solapados pelo processo da colonização, podem ainda ser resgatados! Quanto aos aspectos negativos da cultura africana, reconhecemos que o poder de Deus e do Evangelho é suficiente para transformar e purificar a cultura.

A igreja africana é chamada a rever sua história e resolver os problemas que ninguém pode resolver por ela. Ela precisa ser a voz da igualdade e equidade num contexto de segregação e desigualdade social. Ela precisa ser não só o lugar da unidade, mas também o lugar da pluralidade num contexto de exclusão e uniformidade. Acima de tudo, a igreja africana precisa reconhecer que Deus está restaurando toda a criação e as culturas também são partes da criação. Deus não é apenas Deus nas culturas, ele é também o Deus das culturas e da diversidade.

[Depois dessas coisas, vi uma grande multidão, que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e na presença do Cordeiro, todos vestidos com túnicas brancas e segurando palmas nas mãos; e clamavam em voz alta: Salvação ao nosso Deus, que está sentado no trono, e ao Cordeiro. (Apocalipse 7.9,10) [48]

[48] Bíblia Almeida Século XXI

REFERÊNCIAS

AKINS, Thomas W. **Evangélico Pioneiro**: implantação de novas igrejas auto-suficientes usando métodos do novo testamento. Rio de Janeiro: JMN da CBB, 11ª ed, 2007.

ALTUNA, P. R. R. D. A. **Cultura Tradicional Banto**. 2ª. ed. Luanda: [s.n.], 1993.

ALVES, Amanda Palomo. **Angola Segue em Frente**: um panorama do cenário musical de Angola entre as décadas de 1940 a 1970. 2015. Tese (Doutoramento em História). Universidade Federal Fluminense. Niterói. Disponível em: < <https://www.historia.uff.br/stricto/td/1773.pdf> >. Acesso em 19 jul. 2023.

BOSCH, David J. **Missão Transformadora**: mudanças de paradigma na teologia da missão. São Leopoldo: Sinodal, 2009.

BURNS, B.; AZEVEDO, D. D.; CARMINATI, P. B. F. D. **Costumes e Culturas**: uma introdução à antropologia missionária. 3ª. ed. São Paulo: Vida Nova, 1996.

CAREGNATO, Lucas. **Em Terras do Ngola e do Manikongo**: descrição dos reinos do kongo e ndongo no século XV. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH. São Paulo, Julho 2011.

CORREIA, Stéphanie Caroline Boechat. **O Reino Do Congo E Os Miseráveis Do Mar**: o congo, os sonhos e os holandeses no Atlântico 1600 -1650. 2012. Dissertação (Mestrado em História). UFF, Niterói.

HIEBERT, Paul G. **O Evangelho e a Diversidade das Culturas**: um guia de antropologia missionária. São Paulo: Edições Vida Nova, 2001.

PROENÇA, Paulo Sergio de. HORIZONTE, Belo Horizonte, v. 17, n. 54, p. 1663-1668, set./dez. 2019 – ISSN 2175-5841. Resenha sobre o livro de CHIZIANE, Paulina; MARTINS, Mariana. **Ngoma Yethu**: o curandeiro e o Novo Testamento. Belo Horizonte: Nandyala, 2018

KELLER, Timothy. **Igreja Centrada**: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho. São Paulo: Edições Vida Nova, 2014.

NASCIMENTO, Analzira. **Evangelização ou Colonização**: o risco de fazer missão sem se importar com o outro. Viçosa: Editora Ultimato, 2015.

ODEN, Tomas C. **Quão Africano é o Cristianismo?** São Paulo: Ed. Quitanda, 2022.

OLIVA, Anderson Ribeiro. **A história da África em perspectiva**. Ensaio publicado na Revista Múltipla, vol. 10 – nº 16, Junho de 2004.

Texto recebido em 03.10.2023 e aprovado em 05.12.2023

O PAPEL DAS REVISTAS MISSIOLÓGICAS NA PROMOÇÃO DA MISSÃO GLOBAL: EXPLORANDO SUAS CONTRIBUIÇÕES E DESAFIOS

Anderson Silva de Araujo

Doutorando em Comunicação e Informação em Saúde pelo PPGICS/FIOCRUZ. Mestre em Comunicação e Informação em Saúde pelo PPGICS/FIOCRUZ. Especialização em Ciência da Informação na área da Saúde PPGICS/FIOCRUZ. Graduado em Biblioteconomia em UNIRIO. Graduado em Letras: Português e Grego pela UERJ. Graduado em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil. E-mail: moranderson0182@gmail.com. ORCID: 0000-0001-5905-8213.

O PAPEL DAS REVISTAS MISSIOLÓGICAS NA PROMOÇÃO DA MISSÃO GLOBAL: EXPLORANDO SUAS CONTRIBUIÇÕES E DESAFIOS

Resumo

As revistas missiológicas desempenham um papel essencial na promoção da missão global, ao servirem como veículos de disseminação de conhecimento, diálogo interdisciplinar e reflexão crítica. Elas contribuem para a missiologia ao publicar pesquisas acadêmicas, estudos de campo, teologia missionária e relatos de experiências práticas, enriquecendo o entendimento sobre a missão cristã. Além disso, promovem a reflexão contextual, incentivando a adaptação da fé cristã em diferentes culturas e abordam as tendências e desafios contemporâneos na missiologia.

No entanto, essas revistas enfrentam desafios significativos, como o financiamento insuficiente, a necessidade de manter a relevância em um mundo em constante evolução, garantir a acessibilidade global e competir com fontes de informação online. Superar esses desafios é crucial para manter a influência e a importância das revistas missiológicas no contexto da missão global. Com sua capacidade de compartilhar conhecimento, promover a reflexão crítica e incentivar a colaboração, essas revistas continuam sendo recursos valiosos para a comunidade missiológica global.

Palavras-Chave: Revistas missiológicas; missiologia; missão global.

Abstract

Missiological journals play an essential role in promoting global mission by serving as vehicles for the dissemination of knowledge, interdisciplinary dialogue, and critical reflection. They contribute to missiology by publishing academic research, field studies, missional theology, and accounts of practical experiences, enriching the understanding of the Christian mission. Furthermore, they foster contextual reflection, encouraging the adaptation of the Christian faith in different cultures and addressing contemporary trends and challenges in missiology.

However, these journals face significant challenges, such as insufficient funding, the need to maintain relevance in an ever-changing world, ensuring global accessibility, and competing with online sources of information. Overcoming these challenges is crucial to maintaining the influence and importance of missiological journals in the context of global mission. With their capacity to share knowledge, promote critical reflection, and encourage collaboration, these journals continue to be valuable resources for the global missiological community.

Keywords: Missiological journals; Missiology; Global mission

Introdução

No mundo atual, onde as fronteiras geográficas parecem estar encolhendo e a interconectividade global está aumentando, a missiologia desempenha um papel crucial na compreensão das dinâmicas culturais e religiosas que permeiam nosso planeta. As revistas missiológicas são ferramentas valiosas que desempenham um papel vital na disseminação de conhecimento, pesquisa e reflexão crítica relacionada à missão global. Este artigo explora a importância das revistas missiológicas na promoção da missão global, destacando suas contribuições e desafios.

Tem como objetivo investigar o papel essencial das revistas missiológicas na promoção da missão global, explorando suas contribuições e desafios, a fim de fornecer uma compreensão mais abrangente de seu impacto na comunidade missiológica e sua importância contínua no contexto da missão global.

Através de uma busca no google acadêmico com a palavra-chave aspeada: "mission magazines", no dia 05 de novembro de 2023 encontramos um resultado de 333 artigos. Realizada uma leitura dos artigos selecionados buscando encontrar as revistas da área chegamos ao resultado de 10 que são apresentadas na seção: revistas missiológicas.

Missiologia: Uma Visão Geral

A missiologia é o campo de estudo que se dedica à reflexão teológica, à pesquisa e à prática relacionada à missão cristã, incluindo a compreensão da propagação do cristianismo e a atividade missionária em contextos culturais diversos. A missiologia busca compreender como a mensagem cristã pode ser transmitida de maneira eficaz e relevante em diferentes culturas e contextos religiosos.

Segundo Bosch “a missiologia, como ramo da disciplina da teologia cristã, não é um empreendimento desinteressado ou neutro; ela, procura, antes, olhar o mundo a partir da perspectiva do compromisso com a fé cristã”. [1]

A relevância da missiologia no contexto atual é evidente de várias maneiras:

Contexto Globalizado e Multirreligioso: Em um mundo cada vez mais globalizado e diversificado religiosamente, a missiologia desempenha um papel fundamental na compreensão das dinâmicas culturais e religiosas que afetam as atividades missionárias. Ela fornece ferramentas e perspectivas para enfrentar os desafios da pluralidade religiosa e promover o diálogo inter-religioso.

A globalização é a propagação, ao redor do mundo, da história ocidental moderna do progresso econômico, especialmente com o uso da nova tecnologia de informação. A globalização é a “única maneira adequada de descrever o contexto em que trabalhamos hoje”.⁷ Ela tem um potencial benéfico, mas também tem sido a fonte de uma sociedade de consumo no Ocidente, um abismo cada vez maior entre ricos e pobres, a destruição ecológica, um deslocamento em massa de pessoas e uma força homogeneizadora que impõe o espírito da cultura ocidental às culturas do mundo [2]

[1] BOSCH, David J. **Transformando a Missão**: Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2002, p. 26

[2] GOHEEN, Michael W. **A missão da igreja hoje**: a bíblia, a história e as questões contemporâneas. Viçosa: Ultimato, 2019, p. 18.

Pluralismo Religioso: À medida que as sociedades se tornam mais pluralistas, a missiologia ajuda os missionários e líderes religiosos a navegar em contextos multirreligiosos, respeitando a diversidade religiosa e ética.

A missão da Igreja é sempre contextual. A Igreja deve sempre apurar quais são as questões da atualidade e discuti-las. A missiologia deve permanecer enraizada no evangelho e na Palavra de Deus. Mas também deve considerar épocas e lugares em que vive. Portanto, a missiologia variará de um lugar para o outro e de uma época para outra. [3].

Contextualização: A missiologia promove a contextualização da mensagem cristã, ou seja, a adaptação da fé cristã aos contextos culturais e sociais locais. Isso é fundamental para tornar a mensagem relevante e acessível em diferentes partes do mundo.

Uma pergunta-chave para os cristãos que trabalham num contexto transcultural é: “Qual é a visão de cultura para Deus? A cultura judaica criada por Deus deve ser, portanto, imposta a todos os que o seguem, ou existe alguma indicação nas Escrituras de que Deus tem uma postura diferente?” Creio que temos nossa resposta em 1Coríntios 9.19-22, quando Paulo articula seu método (e de Deus) com relação à diversidade cultural. Paulo diz: Procedi, para com os judeus, como judeu, a fim de ganhar os judeus [...] aos sem lei, como se eu mesmo o fosse [...] para ganhar os que vivem fora do regime da lei. Seu método então é: “Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns” [4].

Desafios Éticos e Sociais: A missiologia também aborda questões éticas e sociais, como justiça social, direitos humanos e responsabilidade ambiental, que são cada vez mais importantes na missão cristã contemporânea.

[3] GOHEEN, Michael W. **A missão da igreja hoje: a bíblia, a história e as questões contemporâneas**. Viçosa: Ultimato, 2019, p. 22.

[4] WINTER, Ralph D.; HAWTHORNE, Steven C; BRADFORD, Kevin D. **Perspectivas no movimento cristão mundial**. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 392

Segundo Wright, a narrativa magna da Bíblia é sobre a missão de Deus com exigências de dimensões específicas de resposta ética da humanidade. Abraão (Gn 22: 16-18) serve de modelo para a educação continuada de seus descendentes, que devem andar no caminho do Senhor em toda retidão e justiça. [5]

Formação de Líderes Religiosos: A missiologia desempenha um papel fundamental na formação de líderes religiosos, preparando-os para comunidades lideradas em contextos desafiadores e diversificados.

Revistas Missiológicas

Revistas missiológicas são publicações acadêmicas e especializadas que se concentram no estudo da missiologia.

Segue uma lista de importantes revistas na área de missiologia.

International Bulletin of Mission Research (IBMR): Publicado pelo Overseas Ministries Study Center, esta revista é uma das mais antigas e respeitadas no campo da missiologia, abordando uma ampla gama de tópicos relacionados à missão global. (<https://journals.sagepub.com/home/ibm>)

Missiology: An International Review : Esta revista é publicada pela SAGE Publications e abrange pesquisas e estudos em missiologia e teologia missiológica. Ela promove uma reflexão crítica sobre a missão e a prática missionária. (<https://journals.sagepub.com/home/mis>)

[5] WRIGHT, Christopher J. H. **The mission of God**: Unlocking the Bible's grand narrative. Nottingham, England: Inter-Varsity Press, 2006.[]

Evangelical Missions Quarterly (EMQ): Uma revista trimestral que oferece uma perspectiva evangélica sobre questões missionárias, com artigos escritos por acadêmicos e profissionais que trabalham no campo missionário. (<https://missionexus.org/emq/>)

Missionalia: Southern African Journal of Missiology: Esta revista é focada em missiologia na África e no contexto do sul global, e abrange questões específicas relacionadas à missão em contextos africanos. (<https://missionalia.journals.ac.za/pub>)

Journal of Missional Practice: Publicado no Reino Unido, esta revista é conhecida por explorar a prática da missão em contextos contemporâneos e desafiar as abordagens tradicionais da missão. (<https://journalofmissionalpractice.com/>)

Missio Dei: A Journal of Missional Theology and Praxis: Concentra-se na teologia e prática missional e é conhecida por promover a discussão teológica profunda sobre uma missão global. (<https://missiodeijournal.com/>)

Asian Missions Advance: Uma revista que se concentra nas questões missionárias na Ásia, abordando desafios e oportunidades específicas relacionadas à missão nessa região. (<https://www.asiamissions.net/e-journal/>)

Lausanne Global Analysis: A Análise Global de Lausanne busca fornecer informações estratégicas e confiáveis e insights de uma rede internacional de analistas evangélicos para equipar os influenciadores da missão global. (<https://lausanne.org/lga>)

Evangelical Review of Theology and Politics: Enfoca a interseção entre teologia, política e missão, explorando questões atuais em missiologia e sua relação com a esfera política. (<https://www.evangelicalreview.net/>)

Transformation: An International Journal of Holistic Mission Studies: Publicada pelo Oxford Centre for Mission Studies, esta revista abrange uma ampla gama de tópicos relacionados à missão, incluindo questões sociais e culturais. (<https://journals.sagepub.com/home/trn>)

No Brasil temos a: Revista de Reflexão Missiológica[6]. Publicada pela Junta de Missões Mundiais, tem como missão ser um espaço de reflexão e diálogo que estimule a publicação de textos inéditos em língua portuguesa, fomentando pesquisas interdisciplinares relevantes à práxis missionária.

O Papel das Revistas Missiológicas

As revistas missiológicas têm funções e propósitos específicos que desempenham um papel crucial na promoção do estudo e da prática da missiologia. Aqui estão algumas das funções e propósitos das revistas missiológicas, juntamente com referências para exemplificar:

Divulgação de Conhecimento: As revistas missiológicas publicam pesquisas acadêmicas e artigos que abordam o conhecimento sobre missões e missiologia. Eles servem como veículos para compartilhar informações e descobertas relevantes.

Exemplo: " Missiology: An International Review" [7].

Promoção do Diálogo e Reflexão: Facilitam o diálogo interdisciplinar e a reflexão crítica sobre questões relacionadas à missão global. Oferecendo um espaço para acadêmicos, missionários e líderes religiosos discutirem temas missiológicos.

[6] <https://reflexaomissiolologica.openjournalsolutions.com.br/index.php/revista>

[7] <https://journals.sagepub.com/home/mis>

Exemplo: "International Bulletin of Mission Research" [8].

Teologia e Teoria Missiológica: Explorar a teologia missionária e o desenvolvimento de teorias missiológicas. Promovendo a elaboração e a discussão de modelos teóricos relacionados à missão.

Exemplo: "Missionalia: Southern African Journal of Missiology" [9].

Relatos de Campo e Experiências Práticas : Além da teoria, publicam relatos de campo e experiências práticas de missões e organizações missionárias, enriquecendo o aprendizado com experiências do mundo real.

Exemplo: "Journal of Missional Practice" [10].

Promoção da Reflexão Contextual: Incentivam a reflexão contextual, ajudando a adaptar a missão cristã aos contextos culturais específicos. Exploram como a fé cristã pode ser contextualizado de maneira relevante.

Exemplo: "Transformation: An International Journal of Holistic Mission Studies" [11].

Análise de Tendências e Desafios: Abordam as tendências emergentes e os desafios contemporâneos na missiologia, identificando questões críticas e oferecendo análises aprofundadas.

[8] <https://journals.sagepub.com/home/ibm>

[9] <https://missionalia.journals.ac.za/pub>

[10] <https://journalofmissionalpractice.com/>

[11] <https://journals.sagepub.com/home/trn>

Exemplo: "Missio Dei: A Journal of Missional Theology and Praxis" [12].

Promoção da Responsabilidade e Ética : Contribuem para a promoção da responsabilidade e da ética nas atividades missionárias, abordando questões como respeito pelos direitos humanos e justiça social.

Exemplo: "Evangelical Review of Theology and Politics" [13].

Formação e Educação : Contribuem para a formação de líderes religiosos, estudantes e missionários, oferecendo recursos para o aprendizado contínuo e aprofundado na área da missiologia.

Exemplo: "Asian Missions Advance" [14]

Fomento da Colaboração: Facilitam a colaboração entre diferentes organizações missionárias, modernas e grupos de estudo, promovendo sinergias e troca de recursos.

Exemplo: "Lausanne Global Analysis" [15]

As funções e propósitos das revistas missiológicas desempenham um papel fundamental na promoção do estudo e da prática da missiologia, contribuindo para o avanço do entendimento e a eficácia da missão global.

[12] <https://missiodeijournal.com/>

[13] <https://www.evangelicalreview.net/>

[14] <https://www.asiamissions.net/e-journal/>

[15] <https://lausanne.org/lga>

Desafios enfrentados pelas revistas missiológicas

As revistas missiológicas enfrentam uma série de desafios importantes, que podem afetar sua capacidade de operar de forma eficaz e cumprir seus propósitos. Alguns dos principais desafios enfrentados por essas revistas incluem:

Financiamento Insuficiente: Uma das principais preocupações para muitas revistas missiológicas é a disponibilidade de recursos financeiros. Elas muitas vezes dependem de assinaturas, doações e financiamento de instituições acadêmicas ou religiosas. A captação de recursos suficientes para manter a qualidade e a continuidade da publicação pode ser um desafio constante.

Impacto: O financiamento insuficiente pode resultar em recursos limitados para revisão por pares, marketing, infraestrutura e pagamentos de editores e colaboradores, afetando a qualidade e a capacidade de alcance das revistas.

Relevância Contínua: À medida que o campo da missiologia evolui e novas questões emergem, as revistas missiológicas enfrentam o desafio de manter-se relevantes. Isso requer capacidade de adaptação às mudanças no ambiente, missão global e reflexão sobre questões contemporâneas.

Impacto: A falta de relevância pode resultar na perda de leitores e contribuintes, causando a influência das revistas e sua capacidade de impactar publicações missiológicas atuais.

Acessibilidade: Garantir que as revistas missiológicas sejam acessíveis a um público amplo, incluindo aquelas em contextos com recursos limitados, é um desafio. A acessibilidade pode ser afetada pelo custo de assinaturas, idioma de publicação e falta de disponibilidade em formatos acessíveis.

Impacto: Se as revistas não forem acessíveis a uma variedade de leitores, podem perder oportunidades de alcançar comunidades missionárias em todo o mundo e de promover o diálogo global sobre questões missionárias.

Concorrência com Fontes de Informação Online: O advento da internet e das plataformas digitais oferece uma concorrência crescente para revistas impressas. As revistas missiológicas precisam competir com blogs, sites acadêmicos e redes sociais, o que pode afetar sua visibilidade e alcance.

Impacto: Se as revistas não conseguirem se adaptar à era digital, podem perder influência e se tornar menos atraentes para os leitores mais jovens e habituados à internet.

Diversidade de Público e Perspectivas: A missiologia é um campo diversificado, com acadêmicos, missionários, líderes religiosos e praticantes de diferentes tradições e perspectivas. Equilibrar a representação dessas vozes e garantir a imparcialidade pode ser um desafio.

Impacto: A falta de representação equitativa pode resultar em críticas de visão ou falta de inclusão, afetando a revisão das revistas.

Superar esses desafios é crucial para que as revistas missiológicas continuem desempenhando um papel vital na promoção do conhecimento e da reflexão sobre uma missão global

Previsão sobre o futuro das revistas missiológicas e seu papel na missão global

Embora seja difícil fazer variações precisas sobre o futuro, podemos vislumbrar algumas tendências prováveis no papel das revistas missiológicas na missão global:

Crescimento da Presença Online: À medida que a tecnologia digital continua a evoluir, é provável que as revistas missiológicas se expandam para plataformas online. Isso tornará o conteúdo mais acessível globalmente, atendendo a uma audiência mais ampla e diversificada. As revistas podem oferecer versões digitais, sites interativos e aplicativos móveis para aumentar sua presença online.

Aprimoramento da Interatividade: As revistas podem evoluir para incluir recursos interativos, como vídeos, podcasts, fóruns de discussão e mídias sociais integradas. Isso promoverá o envolvimento dos leitores e facilitará o diálogo entre acadêmicos, missionários e líderes religiosos em todo o mundo.

Enfrentamento de Desafios Financeiros: O financiamento continuará sendo um desafio, mas as revistas missiológicas podem explorar modelos de negócios alternativos, como assinaturas digitais, doações de leitores e parcerias com instituições acadêmicas e religiosas para garantir sua sustentabilidade financeira.

Para enfrentar esses desafios, as revistas missiológicas podem considerar estratégias como a diversificação de fontes de financiamento (por exemplo, crowdfunding), a busca de parcerias estratégicas com instituições acadêmicas e religiosas, o investimento em formatos digitais acessíveis e a constante avaliação e adaptação de seus temas e conteúdo para atender às necessidades do público-alvo.

Colaboração e Redes Globais: Espera-se que as revistas missiológicas continuem promovendo a colaboração entre diferentes organizações missionárias, acadêmicas e praticantes. Isso pode levar redes globais de compartilhamento de recursos e conhecimentos, fortalecendo a comunidade missiológica global.

Diálogo Inter-religioso e Interdisciplinar: À medida que o diálogo inter-religioso e interdisciplinar se torna cada vez mais importante, as revistas missiológicas podem desempenhar um papel vital na promoção do entendimento e da colaboração entre diferentes tradições religiosas e disciplinas acadêmicas.

Flexibilidade e Adaptabilidade: As revistas missiológicas devem permanecer flexíveis e adaptáveis, prontas para responder às mudanças nas dinâmicas globais, nos contextos culturais e nas questões emergentes relacionadas à missão global.

Em resumo, o futuro das revistas missiológicas provavelmente envolverá uma evolução para se tornarem mais digitais, interativos, inclusivos e conectados globalmente. Seu papel na missão global continuará sendo vital ao fornecer um espaço para compartilhamento de conhecimento, reflexão crítica e colaboração em um mundo cada vez mais interconectado.

Conclusão:

As revistas missiológicas desempenham um papel vital na promoção do conhecimento e da reflexão crítica no campo da missiologia. Elas fornecem um espaço onde os estudiosos, missionários e líderes religiosos podem compartilhar suas experiências, pesquisas e insights, contribuindo assim para o avanço da missão global. No entanto, essas revistas enfrentam desafios significativos que precisam ser abordados para garantir sua relevância contínua. À medida que a missiologia continua a evoluir, é importante reconhecer o valor intrínseco das revistas missiológicas e apoiar seu papel vital na promoção da missão global.

REFERÊNCIAS

ASIAN MISSION ASSOCIATION. Disponível em: <https://www.asiamissions.net/e-journal/>. Acesso em: 06 dez. 2023.

BOSCH, David J. Transformando a Missão: Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2002.

GOHEEN, Michael W. A missão da igreja hoje: a bíblia, a história e as questões contemporâneas. Viçosa: Ultimato, 2019.

LAUSANE. Disponível em: <https://lausanne.org/lga>. Acesso em: 06 dez. 2023.

MISSIODEI. Disponível em: <https://missiodeijournal.com/>. Acesso em: 06 dez. 2023.

MISSIONALIA: Southern African Journal of Missiology. Disponível em: <https://missionalia.journals.ac.za/pub>. Acesso em: 06 dez. 2023.

REVISTA DE REFLEXÃO MISSIOLÓGICA. Rio de Janeiro: JMM. ISSN 2764-8885. Disponível em: <https://reflexaomissologica.openjournalsolutions.com.br/index.php/revista>. Acesso em: 06 dez. 2023.

SAGE JOURNALS HOME. Missiology: An International Review. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/home/mis>. Acesso em: 06 dez. 2023.

THE EVANGELICAL REVIEW OF THEOLOGY AND POLITICS. Disponível em:
<https://www.evangelicalreview.net/>. Acesso em: 06 dez. 2023.

WINTER, Ralph D.; HAWTHORNE, Steven C; BRADFORD, Kevin D. Perspectivas no movimento cristão mundial. São Paulo: Vida Nova, 2009.

WRIGHT, Christopher J. H. The mission of God: Unlocking the Bible's grand narrative. Nottingham, England: Inter-Varsity Press, 2006

Texto recebido em 07.10.2023 e aprovado em 20.11.2023

PRESSUPOSTOS PARA A AUTOTEOLOGIZAÇÃO: DAR VOZ À TEOLOGIA DAS IGREJAS DO SUL GLOBAL

Hildomar J. P. Oliveira

Graduado em Teologia, Letras: Português/Literatura e Pedagogia; especialização em História Contemporânea, Ciências da Religião, Docência do Ensino Superior e Design Instrucional; MBA em Gestão do Conhecimento nas Organizações e Mestre em Ciências da Religião. Serve na Universidade Corporativa da Junta de Missões Mundiais, CBB, como Designer Instrucional, Conteudista; é Gestor Estratégico para Capacitação de Obreiro. ORCID: 0009-0001-2760-5056

PRESSUPOSTOS PARA A AUTOTEOLOGIZAÇÃO: DAR VOZ À TEOLOGIA DAS IGREJAS DO SUL GLOBAL

Resumo

Este artigo acadêmico aborda os pressupostos que servem de fundamentos para a autoteologização das igrejas localizadas no Sul Global. Busca reconhecer a diversidade de experiências e perspectivas teológicas presentes nessas comunidades; além disso, defende a importância de dar voz às teologias locais, destacando sua relevância e contribuição para o panorama teológico global. Enfatiza a valorização da contextualização e da autonomia teológica das igrejas do Sul Global. O objetivo é promover uma compreensão mais inclusiva e enriquecedora da teologia, considerando a pluralidade de vozes e experiências presentes nesse contexto.

Palavras-Chave: autoteologização; teologia do Sul Global; contextualização teológica; diversidade teológica, autonomia eclesial.

Abstract

This academic article addresses the assumptions that serve as foundations for the self-theologizing of churches located in the Global South. It seeks to recognize the diversity of experiences and theological perspectives present in these communities; Furthermore, it defends the importance of giving voice to local theologies, highlighting their relevance and contribution to the global theological panorama. It emphasizes the appreciation of the contextualization and theological autonomy of churches in the Global South. The objective is to promote a more inclusive and enriching understanding of theology, considering the plurality of voices and experiences present in this context.

Keywords: self-theologizing; theology of the Global South; theological contextualization; theological diversity; ecclesiastical autonomy.

Introdução

O conceito eclesial dos três autos: igrejas autossustentáveis, autogovernadas e autopropagadoras, segundo Knight[1], foi criado por Henry Venn (1796-1873), quando secretário da Sociedade Missionária da Igreja da Inglaterra. Como um estadista missionário, Venn cria que as igrejas locais deviam ser independentes da influência de missões estrangeiras e preparadas para se manterem financeira, administrativa e missionária. A ruptura com a cultura colonialista levaria a um crescimento mais rápido e saudável das igrejas nativas. Segundo Analzira Nascimento, a igreja não “exerceu seu papel profético, mas foi parceira de projetos imperialistas”[2], e imprimiu uma “matriz do modelo missionário da Igreja Ocidental com uma lógica eurocêntrica”[3]. Todavia, as bases desse paradigma não se sustentam mais porque o eixo da cristandade mudou do hemisfério Norte para o Sul Global[4].

Segundo o antropólogo e missiologista Paul G. Hiebert, era necessário acrescentar aos três autos um quarto auto, que ele denominou de autoteologização. De acordo com ele, autoteologização significa que

A mensagem deve ser contextualizada nas formas culturais locais [...] as formas de culto e os estilos de liderança devem ser adaptados [...] o povo deve desenvolver uma teologia na qual as Escrituras lhe falem no seu contexto histórico e cultural particular. [5]

[1] KNIGHT, William. **Memoir of the Rev. H. Venn**. London: Longmans, Green, And Co., 1880, p. 276.

[2] NASCIMENTO, Analzira. **Evangelização ou colonização?** O risco de se fazer missões sem se importar com outro. Viçosa: Ultimato, 2015. p. 45.

[3] Ibidem, p. 46.

[4] GREEN, Gene L., PARDUE, Stephen T. and YEO, K. K. Preface. **In Majority world theology**: Christian doctrine in global context. (Ed. GREEN, Gene L.). Downers Grove: InterVarsity Press, 2020, p. 13-14.

[5] HIEBERT, Paul G. **Anthropological insights for missionaries**. Grand Rapids: Baker Academic, 1985, p. 141

A lei como leitura paradigmática

A lei, como paradigma da aliança de Deus com Israel, durou mais de 2 mil anos e compreendia que a missão de Israel era ser um reino de sacerdotes e luz para as nações, exercendo uma função centrífuga (cf. Êx 19.6, Is 42. 6). Nos dias de Jesus esse era o modelo vigente pelo qual era lida a função de Israel em relação às outras nações. Uma situação complicada acontece quando Jesus dirigiu-se a Tiro e Sidom e dialoga com uma moradora da antiga região Fenícia, portanto, estrangeira e excluída da bênção divina, com propósitos de mostrar aos discípulos a realidade universalista sobre qual o Reino de Deus é sustentado. Ou seja, nenhum povo está excluído das bênçãos divinas. A lição deixada é que a teologia e a cultura dos discípulos precisam ser contextualizadas e que a revelação dada a Israel não era um patrimônio exclusivo.

A expansão da igreja no mundo helenista é um choque de culturas. Por um lado, o imperativo de Jesus “façam discípulos entre todos os grupos étnicos presentes na terra” e a negação da universalização da revelação aos outros povos proposta pela teologia judaica. As formas da revelação estavam absolutizadas e seu monopólio pertencia aos Judeus. Os novos cristãos precisavam ser judeus, aceitar seus rituais, sua lei e sua cultura para serem admitidos na nova comunidade. Fumero pontua essa situação com duas questões: “devem os gentios convertidos fazer-se prosélitos do judaísmo para ser cristãos”? Ou, “estão obrigados os não judeus a abraçar o judaísmo para ser parte da igreja e submeter-se ao ritual da circuncisão”? [6] Protestos e vozes se levantaram contra esses pressupostos. O Cisma acontece, embora mediado pelo primeiro Concílio teológico a favor da conciliação e contextualização das novas formas culturais que o cristianismo tomaria ao penetrar em novas culturas.

[6] FUMERO, Mario E. **Os gálatas do terceiro milênio**: os judeus messiânicos e as igrejas cristãs. Camanducaia: Horizontes America latina, 2005, p. 50.

Flemming atesta que “nem mesmo a cultura original, sancionada por Deus, da nação eleita de Deus tem o direito de universalizar sua expressão particular do cristianismo” [7], ou seja: é permitido a diversidade contextual e cultural do cristianismo. Ao invés de capsular as culturas a única forma de culto e adoração a Deus.

A visão apoteótica e apocalíptica de João

[...] e eis aqui uma multidão, a qual ninguém podia contar, de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas, que estavam diante do trono, e perante o Cordeiro, trajando vestes brancas e com palmas nas suas mãos (Apocalipse 7: 9).

Quando servi no Leste da Ásia participei de um culto de uma igreja formada por 27 etnias. Emocionou-me até hoje, embora já tenha se passado vários anos. Que moisco! As diferenças étnicas estavam presentes ali. Cada etnia apresentava traços culturais distintos! As vestes coloridas e chapéus enfatizavam a etnicidade de cada povo distinguindo suas diferenças étnicas, seus dialetos guturais, embora, aparentemente ininteligíveis, expressavam adoração ao único Deus.

Além do mais, os seus traços étnicos distintos e sua cultura peculiar acentuam essas distinções! Essa é a imagem que faço da visão apocalíptica do Trono de Deus. Veja bem, nações, tribos, povos e línguas não integram uma realidade homogênea. Não expressam uma cultura uniformizada teológica, cultural ou eclesiástica. Deus é criativo, seja na criação quanto na diversidade étnica. Ele quis assim! Ele criou os povos com suas distinções culturais para que expressassem com sua própria essência seu culto a Deus.

[7] DEAN, Flemming. **Contextualisation in the New Testament**: patterns for theology and missions. Downers Grove: Intervarsity Press, 2005, p. 52.

Aspectos para a compreensão da autoteologização

Revelação e razão. O que é revelação? Em que se fundamenta? Qual o seu propósito? “O conceito de revelação sugere tirar o véu, abrir, tornar acessível o que, de outra forma, permaneceria desconhecido. O conceito indica uma atividade intencional, inteligível e teleológica. [8] Segundo Tillich, “uma revelação é uma manifestação especial e extraordinária que remove o véu de algo que está oculto de forma especial e extraordinária”[9].

A origem de onde procede a realidade expressa da revelação é Deus, como “a fonte final e o doador da revelação”[10]. A revelação, portanto, se fundamenta no próprio ser de Deus, em quem Deus é. Quando ele se revela a Moisés, toma a si mesmo como fundamento, “Eu Sou o que Sou. É isto que você dirá aos israelitas: Eu Sou me enviou a vocês”[11]. E assim, “Deus desvendou a si mesmo para a humanidade”[12]. E por que Deus se revela? Porque ele é um Deus relacional, que se relaciona intensamente com Deus-Filho e Deus-Espírito Santo e, agora, com as criaturas feitas à sua imagem e semelhança. Assim, nas Sagradas Escrituras ele revela seu plano glorioso ao tomar para si um povo, que embora caído, ele o redime e elege para ser canal de bênçãos aos outros povos para adorá-lo por toda a eternidade.

A revelação, segundo Emil Brunner e citado por Ferreira, “significa os atos poderosos de Deus para com a salvação do homem”[13].

[8] GRONINGEN, Gerard Van. **Revelação messiânica no antigo testamento**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, pp. 54, 55.

[9] TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. São Leopoldo: Concórdia, Est, 2014, p. 121.

[10] GRONINGEN. Op. Cit., p. 55.

[11] BÍBLIA. **Bíblia missionária de estudo**, Almeida Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblia do Brasil, 2014, pp. 58, 59.

[12] ENNS, Paul. **Manual de teologia Moody**. São Paulo: Editora Batista Regular, 2010, p. 168.

[13] FERREIRA, Júlio Andrade. **Teologia sistemática contemporânea**. Londrina: Fonte Editorial, 2018, p. 67.

De acordo com Mackintosh “é um fato que teve lugar em Jesus Cristo... em quem a revelação se acha presente e ativa, é uma realidade concreta para a qual não existe analogia”[14], [o Cristo] “que se revela nas Escrituras”[15].

A racionalidade nega a revelação porque estabelece a razão como o juiz final para legislar sobre todas as coisas, inclusive sobre Deus e a religião. Esse foi o resultado do Iluminismo, do racionalismo, do cientificismo, do liberalismo teológico e, na atualidade, pelo relativismo. O relativismo cultural afirma que nenhuma cultura é melhor ou superior a outra, todas são iguais. Com base nesse pressuposto, por que impor a um determinado povo uma religião e, especificamente, a religião do Ocidente? “Os relativistas podem falar com prazer a respeito da minha verdade e a sua verdade, mas raramente sobre a verdade”[16]. Como vimos, por influência do Iluminismo, o racionalismo influenciou todas as áreas da cultura Ocidental, o seu problema é a intolerância com as outras cosmovisões e sistemas epistemológicos[17].

Evangelho e cultura. Por que os judeus convertidos da nova comunidade em Jerusalém estavam se opondo a Paulo e ao avanço do evangelho na Ásia? Porque o evangelho estava assumindo novas formas culturais, diferentes da cultura judaica. Mas a diferença era a relativização da revelação ou o sincretismo religioso? Nenhum dos dois, a questão era “em que termos os não-judeus poderiam ser admitidos como membros da comunidade cristã”[18]. Essa era uma questão muito séria! Uma segunda questão era o propósito da revelação.

[14] MACKINTOSH, Hugh R. **Teologia moderna**: de Schleiermacher a Bultmann. [São Paulo/Londrina]: Editora Cristã Novo Século & Fonte Editorial, 2004, p. 292.

[15] FERREIRA, Franklin & MYATT, Allan. **Teologia sistemática**: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 483.

[16] CARSON, A. D. **A intolerância da tolerância**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2013, p. 134.

[17] BÍBLIA. **Bíblia missionária de estudo**, Almeida Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblia do Brasil, 2014, pp. 58, 59.

[18] MANSON, T. W. **Jesus and the Non-Jews**. The Ethel M. Wood Lecture delivered before the University of London on 3 March 1954. London: The Athlone Press, 1955. Pbk. pp.18.

“Por dois mil anos, o padrão estabelecido por Deus para seu povo vinha sendo a lei judaica”[19] e as práticas que acompanhavam a lei não estavam sendo cumpridas nas igrejas que estavam surgindo. Assim, “os judeus queriam obrigar os gentios convertidos a circuncidar-se, então se iniciou a tormenta entre a lei e a graça, entre a fé e o cerimonial”[20]. A comunidade dos discípulos de Jerusalém cria que a lei moldou toda a cultura judaica e deveria ser o padrão teológico e cultural para todas as demais culturas além de Jerusalém. O que isso significa? Que há uma,

Tendência humana de aplicar a outros povos sua forma adquirida de pensar e interpretar, prática esta realizada em grande escala pelos movimentos imperialistas do passado e do presente, bem como por forças missionárias que entenderam o significado do evangelho apenas dentro de sua própria cosmovisão, cultura e língua[21].

Paulo pensava diferente, embora, judeu e outrora fariseu, contudo, defendia que as novas comunidades deveriam assumir novas formas culturais nos lugares que se estabelecia[22] e desenvolver sua própria teologia. Esse é o princípio da autoteologização.

Mas todas as formas culturais são válidas para adoração a Deus? Não! O evangelho é um fenômeno divino que ao incidir sobre as culturas humanas transforma suas expressões culturais para o culto a Deus, por outro lado, assimila o que não foi contaminado pelo pecado e, ao mesmo tempo, confronta a cultura e seus deuses. Deus criou o homem e este criou a cultura.

[19] GOHEEN, Michael W. **A missão da igreja hoje**. A Bíblia, a história e as questões contemporâneas. Viçosa: Ultimato, 2019, p. 55.

[20] FUMERO. Op, Cit., p. 51.

[21] LIDÓRIO, Ronaldo. **Comunicação e cultura**: a antropologia aplicada ao desenvolvimento de ideias e ações missionárias no contexto transcultural. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 19.

[22] GOHEEN. Op. Cit., p. 55.

“Por dois mil anos, o padrão estabelecido por Deus para seu povo vinha sendo a lei judaica”[19] e as práticas que acompanhavam a lei não estavam sendo cumpridas nas igrejas que estavam surgindo. Assim, “os judeus queriam obrigar os gentios convertidos a circuncidar-se, então se iniciou a tormenta entre a lei e a graça, entre a fé e o cerimonial”[20]. A comunidade dos discípulos de Jerusalém cria que a lei moldou toda a cultura judaica e deveria ser o padrão teológico e cultural para todas as demais culturas além de Jerusalém. O que isso significa? Que há uma,

Tendência humana de aplicar a outros povos sua forma adquirida de pensar e interpretar, prática esta realizada em grande escala pelos movimentos imperialistas do passado e do presente, bem como por forças missionárias que entenderam o significado do evangelho apenas dentro de sua própria cosmovisão, cultura e língua[21].

Paulo pensava diferente, embora, judeu e outrora fariseu, contudo, defendia que as novas comunidades deveriam assumir novas formas culturais nos lugares que se estabelecia[22] e desenvolver sua própria teologia. Esse é o princípio da autoteologização.

Mas todas as formas culturais são válidas para adoração a Deus? Não! O evangelho é um fenômeno divino que ao incidir sobre as culturas humanas transforma suas expressões culturais para o culto a Deus, por outro lado, assimila o que não foi contaminado pelo pecado e, ao mesmo tempo, confronta a cultura e seus deuses. Deus criou o homem e este criou a cultura. O homem pecou e a cultura ficou exposta ao pecado e contaminada por ele, mas o evangelho ao redimir o homem caído também transforma sua cultura dos elementos que estão sujeitos ao culto aos deuses.

[19] GOHEEN, Michael W. **A missão da igreja hoje**. A Bíblia, a história e as questões contemporâneas. Viçosa: Ultimato, 2019, p. 55.

[20] FUMERO. Op, Cit., p. 51.

[21] LIDÓRIO, Ronaldo. **Comunicação e cultura**: a antropologia aplicada ao desenvolvimento de ideias e ações missionárias no contexto transcultural. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 19.

[22] GOHEEN. Op. Cit., p. 55.

Princípio e forma. Paulo em sua prática como teólogo e plantador de igrejas nos ensina em sua teologia bíblica e contextual que muda-se a forma não o princípio, muda-se a metodologia não os valores, muda-se as tradições, mas firma-se as crenças em torno das quais a revelação dissolve o mistério e o evangelho alcança e transforma o homem pelo poder de Deus. Usando a linguagem coloquial, “jogar fora a criança com a água suja”. Os perigos dessa atitude é identificar que princípio e forma são iguais ou estabelecer a forma no lugar do princípio. Claro que os princípios não mudam, mas a forma, a metodologia e a cultura podem e devem ser contextualizadas.

Em geral, o maior obstáculo a repensarmos e reformarmos nossos ministérios é a inércia da tradição – ou as tradições de nossa denominação e clericalismo mantidas há muito tempo, ou as tradições mais recentes do movimento de crescimento de igreja, que se tornaram um tipo de ortodoxia implícita em muitas igrejas evangélicas [23].

O modelo proposto pelo Hemisfério Norte.

A Conferência Missionária de Edimburgo em 1910 ratificou o lema que acionava o paradigma do Movimento Moderno de Missões, “do Ocidente para o resto do mundo”[24]. Segundo Goheen a missão era entendida “como um movimento geográfico do Ocidente para o não Ocidente”[25]. De acordo com Bruce, o movimento missionário iniciou-se com as igrejas primitivas, expandiu-se pelo mundo helenista, teve o seu apogeu no movimento moderno de missões e, como uma chama, espalhou o evangelho no mundo inteiro[26].

[23] MARSHALL, Colin & PAYNE, Tony. **A treliça e a videira**: a mentalidade de discipulado que muda tudo. São Paulo: Editora Fiel, 2015, p. 81

[24] YEH, Allen. **O futuro de missões é de todos para todos os lugares**. Disponível em: <https://lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia-pt-br/agl-pt-br/2018-01-pt-br/o-futuro-de-missoes-e-de-todos-para-todos-os-lugares>. Acesso em: 11 de outubro, 2023

[25] GOHEEN. Op. Cit., p. 32.

[26] BRUCE, F. F. **The Spreading Flame**: The Rise and Progress of Christianity from Its First Beginnings to the Conversion of the English. Milton Keynes, UK: Paternoster, 1980, p. 516.

Encontramos outra semelhança entre a expansão cristã primitiva e o movimento missionário ocidental moderno, na medida em que ambos progrediram lado a lado com a expansão colonial. Enquanto o alcance missionário inicial foi acelerado pela via Romana, o movimento missionário ocidental moderno lucrou com a expansão colonial do imperialismo europeu. Consciente e inconscientemente, a expansão do cristianismo durante o período colonial foi feita de mãos dadas com a conquista colonial ocidental. Como resultado, a missão cristã tem sido entrelaçada com a imagem do domínio colonial ocidental.[27]

Com o Movimento Moderno de missões o Ocidente tornou-se o referencial teológico, missionário, político, econômico e cultural sobre o resto do mundo cristão por mais de 200 anos, criando e moldando uma cultura uniforme de envio e manutenção do trabalho missionário. Além do mais, estabelecendo sua prerrogativa sobre as demais culturas. Geralmente, prevaleceu uma imposição conversionista do fenômeno natural evangelístico.

O monopólio missionário, por meio de recursos humanos e financeiros, estava nas mãos do irmão rico e do irmão pobre, o depositário. Segundo Bosch, “colonialismo e missões eram, naturalmente, independentes; o direito de ter colônia trazia consigo o dever de cristianizar os colonizados”[28], por outro lado, “os missionários ocidentais trouxeram três Cs (comércio, civilização e cristianismo) para o mundo colonizado primitivo”[29].

[27] LEE, Moonjang. **Rethinking the Nature of Christian Mission**: A South Korean Perspective. In *The state of missiology today: global innovations in christian witness*. (Ed. Charles E. Van Engen). Downers Grove: InterVarsity Press, 2016, p. 229.

[28] BOSCH, David. **Missão transformadora**: Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão. São Leopoldo: Sinodal, 2002, p. 227.

[29] LEE. Op. Cit., p. 231.

Segundo Analzira Nascimento, esse modelo esgotou-se. Seu livro, *Evangelização ou colonização?*, é uma crítica a esse modelo e também propõe uma análise e reflexão. Entretanto, o subtítulo da tese que deu origem ao livro é incisivo, descolonizar o paradigma missiológico. De acordo com Analzira Nascimento, muito do que é realizado hoje pelas igrejas e organizações missionárias é o perpetuismo desse modelo. Para ela é necessário “desconstruir aquilo que a tradição moldou devido às necessidades históricas, voltando-se ao modelo simples e encarnacional do nosso Senhor e Mestre Jesus”[30].

Geralmente, os missionários iam não apenas com a confiança no evangelho, mas na sua cultura como a única detentora do evangelho. Essa atitude continua a ser demonstrada não apenas nas estruturas mais antigas que enviam missionários, mas também em movimentos missionários que surgem em novas igrejas enviadoras e na tendência do envolvimento individual e direto de igrejas com missões transculturais[31].

Em suma seria assim. Uma igreja ou uma organização missionária enviam missionários para um determinado povo, geralmente, com recursos para implementar um projeto de desenvolvimento comunitário. Esse envio proposto pelo paradigma tradicional perpetua a manutenção do poder eclesiástico do missionário que não somente lidera o trabalho, mas pastoreia a igreja local. Conseqüentemente, a estrutura eclesiástica do missionário é mantida e sua cultura denominacional; assim como, outras coisas sem importância. “Hoje esse modelo de ação missionária entrou em crise e precisa buscar uma adequação para superar o descompasso com o novo mundo, que valoriza e respeita a diversidade cultural” [32].

[30] NASCIMENTO. Op. Cit., p. 8.

[31] BENDOR-SAMUEL, Paul. **A missão invertida**: a igreja local e as idas e vindas dos missionários. Viçosa: Ultimato, 2014. p. 20.

[32] NASCIMENTO. Op. Cit., p. 13.

Na perspectiva da mentalidade antiga o protagonismo nunca pertence ao nacional, é negado-lhe esse direito. Segundo Goheen, “é preferível dizer que mudanças no século 20 e 21 tornaram inadequado para nossos tempos um paradigma tradicional de missões”[33].

Pressuposto para uma teologia do Sul Global.

O conceito de Sul Global representa uma curvatura ou um deslocamento do eixo do cristianismo Ocidental para África, Ásia e América Latina[34], no entanto, não há uma definição precisa sobre essa terminologia. Por isso, fala-se em Mundo Majoritário, Sul Global, Mundo Não-Ocidental, Terceiro Mundo, Mundo em desenvolvimento, AfAsAL. De acordo com Graham Joseph Hill esses termos são inadequados porque, “usam as culturas ocidentais como seu ponto de referência. Eles implicam superioridade ou centralidade ocidental”[35]. Todas essas designações são conceitos Ocidentais, mas independente das conceituações, o cristianismo não é mais um bloco monocrático, mas policêntrico[36]. O que isso representa? Que “o centro da gravidade do protestantismo... afastou-se decisivamente do mundo ocidental”[37]. Carriker afirma que, “A igreja cristã é de maioria africana, asiática e latino-americana; não é mais predominantemente europeia e norte-americana”[38], e segundo Pierson, “novos movimentos do Espírito” vão brotando nessas regiões[39].

[34] LUTTERODT, Philip; CAVALCANTI, Joabe G. e LEE, Loun Ling. **Perspectivas no cristianismo no Sul Global**: Gana, Brasil, Leste Asiático e a igreja global. 2023.

[35] HILL, Graham Joseph. **Igreja Global**: Aprendendo com o Mundo Majoritário, Cristãos Indígenas e Cristãos da Diáspora. 2018.

[36] HANDLEY, Joseph W. **O policêntrismo como o paradigma da nova liderança**. Laussane. 2023.

[37] JOHNSTONE, Patrick. **A igreja é maior do que você pensa**: estruturas e estratégias para a igreja no século XXI Monte Verde: Horizontes América Latina, [s/d], p. 112.

[38] CARRIKER, Timóteo. prefácio. Em: BENDOR-SAMUEL, Paul. **A missão invertida**: a igreja local e as idas e vindas dos missionários. Viçosa: Ultimato, 2014, p. 9.

[39] PIERSON, Paul E. Correntes emergentes da igreja & missões. Monte Verde: Horizontes América Latina, 2005, p. 11.

Em seu livro, o Futuro da igreja global, Johnstone destaca que,

O maior crescimento ocorreu na América Latina, na África e na Ásia. Os países da AfAsAL tinham 5% de todos os protestantes em 1900, mas em 2000, esse número havia aumentado para 59% e pode chegar aos 81% até 2050 [40].

Os paradigmas que seguiram-se à expansão do cristianismo sugerem ênfases distintas. A visão que seguiu-se ao movimento moderno de missões enfatizava, “do Ocidente para o resto do mundo”, que foi expressamente questionada por Samuel Escobar com a assertiva, “de todos os lugares para todas as pessoas” extraído do título de seu livro: *The New Global Mission: The Gospel From Everywhere to Everyone* (A Nova Missão Global: O evangelho de todos os lugares para todos), já o missiologista paquistanês Michael Nazir-Ali propôs *From Everywhere to Everywhere: A World View of Christian Mission* (De todos os lugares para todos os lugares: uma visão mundial da missão cristã), o Movimento Lausanne foi incisivo, “todo o Evangelho levado por toda a igreja para o mundo todo”[41], e a JMM simplificou, “todos enviando para todos”[42]. O terceiro paradigma proposto por Jay Matenga e Paul Bendor-Samuel, mudava o foco da missão e da liderança, “centralizando o local”[43].

[40] JOHNSTONE, Patrick. **O futuro da igreja global**: histórias, tendências e possibilidades. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2017, p. 109.

[41] LAUSANNE. **O Movimento de Lausanne e o evangelicalismo global**: distintivos teológicos e impacto missiológico. In: *The Lausanne Movement: A Range of Perspectives*. Oxford: Regnum Books, 2014

[42] PACTO DE MISSIOLOGIA. Documento Institucional da JMM.

[43] MATENGA, Jay. **Centring the local**: the indigenous future of missions. In: A seminar originally presented at the Wycliffe Global Alliance/SIL “Together in Christ 2021” conference.

O contexto de mudança paradigmática do eixo missional do Ocidente para o Sul Global gera uma mudança significativa. Michael Horton afirma que, “levar esse evangelho a todas as nações requer sensibilidade aos diversos contextos culturais”[44].

Myron Loss enfatiza

A maioria das pessoas nem sequer se dá conta de que a cultura existe em seu ambiente. Se elas fossem expostas a somente uma cultura, elas creriam que a única maneira correta de fazer as coisas é a maneira como elas sempre as têm feito [45].

Ronaldo Lidório propõe que a formação do missionário tenha uma base teológica, linguística e antropológica. Ele afirma que, “o pé mais fraco na formação missionária é a Antropologia”[46]. É necessário que aquele que é enviado a um povo estude seus elementos culturais para não impor-lhe sua cultura cristã, doutrina ou interpretação teológica. Phillip Jenkins destaca, “os ocidentais tentam impor as suas próprias ideias do Cristianismo como deveria ser, muitas vezes apoiados pela força do poder político colonial”[47], Charles Kraft é ainda mais incisivo, “muitos indo ao extremo teológico, absolutizaram alguma abordagem cultural ocidental do Cristianismo e procuraram converter as pessoas a uma expressão particular do Cristianismo”[48]. Óbvio que esse paradigma tradicional e inadequado de missões não se encaixa mais no século XXI[49].

É preciso entender e respeitar as diferenças. “Cada sociedad se expresa en forma única com su propio estilo de vida, pensamiento y creencia”[50].

[44] HORTON, Michael. **A grande comissão**: o resgate da estratégia divina para o discipulado. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2014, p. 125.

[45] LOSS, Myron. **Choque cultural**: lidando com o estresse em um ambiente transcultural. Monte Verde: Horizontes América Latina, 2005, p. 62, 63.

[46] LIDÓRIO, Ronaldo. Op. Cit., p. 15.

[47] JENKINS, Phillip. **The next Christendom**: The Coming of Global Christianity. Oxford: Oxford University Press, 2011, p. 103.

[48] KRAFT, Charles H. **Culture, communication and Christianity**: A selection of writings by Charles Kraft. Pasadena: William Carey Library, 2001, p. 366.

[49] GOHEEN, Michael. Op. Cit., p. 14.

[50] GRULAN, STEPHEN A. y MAYERS, Marvin K. **Antropologia cultural**: una perspectiva cristiana. Deerfield: Editorial Vida, 1988, p. 54, 55.

A mensagem precisa ser entendida em seu ambiente histórico e cultural. “Sem isso, estamos em perigo de proclamar uma mensagem desprovida de significado e relevância”[51]. Contextualizar a mensagem é o primeiro passo e, o segundo, é permitir que o outro construa e manifeste a sua teologia. Contudo, é necessário considerar que nesse processo, “as novas verdades que emergem não podem nunca contradizer as antigas, e em cada momento o Espírito pode soprar onde quiser e em cada momento pode mostrar à luz lados completamente novos da revelação divina”[52].

Toda nova igreja precisa desenvolver uma teologia contextual, uma que faça sentido em sua cultura e que responda a questões de relevância cultural. Os missionários devem encorajar esse desenvolvimento, ainda que os líderes locais não tenham as mesmas conclusões que o missionário... pode ser um processo de crescimento para o missionário, já que nossa herança eclesial é assim desafiada e podemos aprofundar o diálogo com novas perspectivas [53].

Para que esse processo seja ativado, o missionário inicia se despindo de sua cultura, tarefa difícil, mas necessária, depois contextualizar o evangelho na cultura local para um contexto cultural específico, sem relativizar a revelação; e, a partir dessa abordagem, garantir ao nacional o direito de pensar e expressar a sua fé em termos teológicos contextuais. Para que isso aconteça é significativo, “encontrar pontos de contato com os contextos das outras pessoas e afastar do [...] próprio contexto as coisas que bloqueiam a comunicação”[54].

[51] HIEBERT, Paul G. **O evangelho e as diversidades das culturas: um guia de antropologia missionária**. São Paulo: Vida Nova, 2010, p. 14.

[52] BALTHASAR, Hans Urs Von. **Teologia da história**. São Paulo: Fonte Editorial, 2003, p. 68.

[53] SELSTO, Mons Gunnar e Thoresen, Frank-Ole. **Abraçando uma teologia de unidade na diversidade**: Lições da história da igreja no norte da África. 2018.

[54] GUTHRIE, Stan, **Missões no terceiro milênio**: 21 tendências-chave para o século XXI. Monte Verde: Horizontes América Latina, 2003, 135.

Peter Phan editor do livro, *Christianities in Asia* (Cristianismos na Ásia), o qual teve a colaboração de teólogos asiáticos com diferentes backgrounds teológicos. O livro é o resultado de uma teologia que nasceu e amadureceu na Ásia, que manifesta-se com traços e características, eminentemente, asiática.

Os cristãos na Ásia receberam e transformaram o cristianismo em uma religião local ou indígena, com suas próprias estruturas eclesiais, liturgia e orações, espiritualidade, teologia, arte e arquitetura, música e canções, e dança, frequentemente em diálogo com as culturas e religiões asiáticas[55]. As novas comunidades cristãs são bem diferentes das igrejas ocidentais tradicionais[56].

Abordagens proposicionais.

Ideias que contribuem para a configuração de um paradigma missionário em perspectiva decolonial[57].

1. O processo de desenvolvimento de uma teologia nativa começa com o discipulado. A ênfase de Jesus em Mateus 28:18-20 é “fazei discípulos” seguido dos gerúndios[58] batizando e ensinando-os. Esse princípio pode ser exemplificado por Paulo quando afirmou para Timóteo, “o que da minha parte ouvistes através de muitas testemunhas, isso mesmo transmite a homens fiéis e também idôneos para instruir outros”[59] (2 Timóteo 2: 2). Paulo discipulou Timóteo e, considerando que, se ele escrevesse uma teologia, ela seria fruto de um discipulado cristocêntrico, missionário e, eminentemente, contextual.

[55] PHAN, Peter C. (ed.). **Christianities in Asia**. Oxford: Blackwell, 2011, p. 4.

[56] PIERSON, Paul E. **Correntes emergentes da igreja & missão**. Monte Verde: Horizontes América Latina, 2005, p. 11.

[57] A decolonialidade é uma escola de pensamento que visa desvincular-se das hierarquias de conhecimento eurocêntricas e dos modos de estar no mundo, a fim de possibilitar outras formas de existência na Terra. Crítica a universalidade percebida do conhecimento ocidental e a superioridade da cultura ocidental, incluindo os sistemas e instituições que reforçam essas percepções.

[58] O gerúndio expressa o processo da ação. No discipulado o ensino não é um ato estanque, isolado ou somente preparatório para o batismo, mas um ato contínuo na vida do discípulo.

[59] BÍBLIA. **Almeida Revista e Atualizada**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999, p. 803.

2. A influência e a teologia do Sul Global não podem mais ser ignoradas. A América Latina está fazendo teologia e o Brasil com seus quase 200 anos de campo missionário deixa o estágio de depositário para protagonista de uma teologia missional, bíblica e contextual. Patrick Johnstone enfatiza “é possível que [o Brasil] defina as tendências nos países da AfAsIA”[60].

A igreja brasileira a despeito das incertezas políticas e econômicas continua investindo no envio de missionários transculturais e com a contribuição de missiólogos como Durvalina Bezerra, Barbara Burns, Analzira Nascimento, Margaretha Adiwardana, Ronaldo Lidório, Timóteo Carriker, Russell Shedd (falecido) dentre outros, que exercem sua participação para a missiologia global. O mesmo pode ser dito da teologia Africana e Asiática.

Graham Joseph Hill propõe,

É hora de ouvir vozes asiáticas, africanas, latino-americanas, do Oriente Médio, indígenas e outras do Mundo Majoritário. Essas vozes [...] estão surgindo e redefinindo nosso entendimento da teologia, igreja e missão. Muitas igrejas do Mundo Majoritário, da diáspora e dos indígenas têm extraordinária vitalidade missionária e teológica. A abertura para essas vozes precisa acontecer agora. Nós só refletiremos o coração de Deus e sua missão quando buscarmos conversas globais e honrarmos a igreja global como um todo[62].

O livro, *Majority world theology* (Teologia do mundo majoritário), representa essas vozes. Foi escrito por 46 acadêmicos e pastores, dentre os quais 8 mulheres, ficando assim representados, da África 10, do Oriente Médio 2, da Ásia 15, da América Latina 9, Europa 3, da América do Norte 5 e 2 não foram identificados.

[62] HILL, Graham Joseph. Op. Cit., (Nov 29, 2018).

Essa iniciativa representa as perspectivas e práticas teológicas dos cristãos que vivem no mundo não-ocidental. O seu propósito é destacar as diversas e vibrantes tradições teológicas que surgiram fora da Europa e da América do Norte, e ao mesmo tempo, questionar o domínio da teologia ocidental para o diálogo global.

3. É preciso entender que a evangelização não é privilégio de qualquer segmento cristão. A igreja global é chamada por Deus para a evangelização global. Então, qual a função missional do Hemisfério Norte? Ele é descartado? De modo nenhum! A missão é de Deus e ele mesmo convida toda a sua igreja para realizar a tarefa. Kirst Rievan captou essa ideia ao afirmar: “O papel do estrangeiro é principalmente ser um catalisador”[63]; e parceiro no movimento missionário[64], “servos e cooperadores”[65]. O obreiro de fora se torna um facilitador, aquele que caminha ao lado, um orientador para o desenvolvimento e expressão da teologia missional, nativa, do Sul Global.

São estabelecidas atividades que se multiplicam sem exigir a entrada de dinheiro e infraestrutura. Esse processo tem sido aplicado com sucesso no ministério de implantação de igrejas na Índia e em outros lugares[66].

Que o missionário, o missiólogo ou quem seja enviado precisa desenvolver a mentalidade de facilitador e não de ator, de catalisador e não de iniciador, de convidado e não de cabeça de família, posição sustentada pelo chefe, de facilitador e não de herói[67], de aprendiz e não de professor. Ele pode ser um líder, mas nunca um chefe.

[63] RIEVAN, Kirst. **Os estrangeiros ainda são necessários na era da missão nativa?**. Lausanne. 2021.

[64] CARRIKER, Timóteo. Op. Cit., p. 9.

[65] BENDOR-SAMUEL, Paul. A missão invertida. Op. Cit., p. 29.

[66] RIEVAN, Kirst. Op. Cit.

[67] Ibidem.

Como Paul Bendor-Samuel observa, que esses obstáculos seriam removidos quando a igreja é capacitada para realizar a missão e recebe também “incentivo de expressões contextualmente apropriadas de fé e prática”[68] e como Hildomar Oliveira sumariza, “Paulo respeitava o princípio da autonomia e dava à nova igreja liberdade para assumir e expressar sua forma cultural, contextual e missiológica”[69].

Considerações finais.

O princípio da autoteologização como paradigma para manifestar as vozes teológicas das igrejas nativas do Sul Global, se une aos três autos mencionados no início deste ensaio. Se o paradigma proposto por Venn tornou-se uma referência para missiólogos, missionários e plantadores de igrejas como um modelo que identifica a natureza e a identidade da igreja como autogovernada, autossustentada e autopropagadora, então, nada mais justo que a autoteologização seja a sua voz que se expressa de dentro, do seu meio, da sua cultura. Cada sociedade é peculiar na maneira como entende a mensagem do evangelho de Cristo em termos de sua própria cultura. Alguns anos atrás conheci um missionário em Marrocos que havia dedicado 12 anos na tradução da Bíblia para uma etnia local, no entanto, sua tradução tornou-se inteligível para a comunidade local porque expressava a cultura do missionário e não em termos culturais do povo que buscava servir.

Segundo Andrew Walls, e citado por Gene L. Green, “sempre que a fé cristã se enraíza em novas culturas, a compreensão da fé pela Igreja cresce inevitavelmente à medida que ela vê as Escrituras com novos olhos e reconhece aspectos de Cristo e do seu reino que ela havia negligenciado e subestimado”[70].

[68] BENDOR-SAMUEL, Paul. Op. Cit., p. 25.

[69] OLIVEIRA, Hildomar. **O desafio da prática missiológica contemporânea**: todos enviando para todos. Em: Revista Reflexão Missiológica. 2021.

[70] GREEN, Gene L., PARDUE, Stephen T. and YEO, K. K. Op. Cit., p. 15.

REFERÊNCIAS

BALTHASAR, Hans Urs Von. **Teologia da história**. São Paulo: Fonte Editorial, 2003.

BÍBLIA. **Almeida Revista e Atualizada**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BÍBLIA. **Bíblia missionária de estudo, Almeida Revista e Atualizada**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014.

BOSCH, David. **Missão transformadora: Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão**. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

BRUCE, F. F. **The Spreading Flame: The Rise and Progress of Christianity from Its First Beginnings to the Conversion of the English**. Milton Keynes, UK: Paternoster, 1980.

CARRIKER, Timóteo. prefácio. Em: BENDOR-SAMUEL, Paul. **A missão invertida: a igreja local e as idas e vindas dos missionários**. Viçosa: Ultimato, 2014.

CARSON, A. D. **A intolerância da tolerância**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2013.

ENNS, Paul. **Manual de teologia Moody**. São Paulo: Editora Batista Regular, 2010.

DEAN, Flemming. **Contextualisation in the New Testament: patterns for theology and missions**. Downers Grove: Intervarsity Press, 2005.

FERREIRA, Franklin & MYATT, Allan. **Teologia sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual**. São Paulo: Vida Nova, 2007.

- FERREIRA, Júlio Andrade. **Teologia sistemática contemporânea**. Londrina: Fonte Editorial, 2018.
- FUMERO, Mario E. **Os gálatas do terceiro milênio**: os judeus messiânicos e as igrejas cristãs. Camanducaia: Horizontes America latina, 2005.
- GOHEEN, Michael W. **A missão da igreja hoje**: A Bíblia, a história e as questões contemporâneas. Viçosa: Ultimato, 2019.
- GREEN, Gene L., PARDUE, Stephen T. and YEO, K. K. Preface. In: **Majority world theology: Christian doctrine in global context**. (Ed. GREEN, Gene L.). Downers Grove: InterVarsity Press, 2020.
- GRONINGEN, Gerard Van. **Revelação messiânica no Antigo Testamento**. São Paulo: Editora Cultura Cristã.
- GRULAN, STEPHEN A. y MAYERS, Marvin K. **Antropologia cultural**: uma perspectiva cristiana. Deerfield: Editorial Vida, 1988.
- HANDLEY, Joseph W. **O policêntrismo como o paradigma da nova liderança**. Disponível em: <https://lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia-pt-br/agl-pt-br/2021-05-pt-br/o-policentrismo-como-o-paradigma-da-nova-lideranca>. Acesso em: 20 de out. 2023.
- HIEBERT, Paul G. **Anthropological insights for missionaries**. Grand Rapids: Baker Academic, 1985.
- HIEBERT, Paul G. **O evangelho e as diversidades das culturas**: um guia de antropologia missionária. São Paulo: Vida Nova, 2010.

HILL, Graham Joseph. **Igreja Global**: Aprendendo com o Mundo Majoritário, Cristãos Indígenas e Cristãos da Diáspora. Nov. 2018. Disponível em: <https://grahamjosephhill.com/post-1-portuguese/>. Acesso em: 11 de out. 2023.

HORTON, Michael. **A grande comissão**: o resgate da estratégia divina para o discipulado. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2014.

JENKINS, Phillip. **The next Christendom**: The Coming of Global Christianity. Oxford: Oxford University Press, 2011.

JMM. PACTO DE MISSIOLOGIA. Documento Institucional da JMM.

JOHNSTONE, Patrick. **O futuro da igreja global**: histórias, tendências e possibilidades. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2017.

JOHNSTONE, Patrick. **A igreja é maior do que você pensa**: estruturas e estratégias para a igreja no século XXI Monte Verde: Horizontes América Latina, s.d.

KNIGHT, William. **Memoir of the Rev. H. Venn**. London: Longmans, Green, And Co., 1880.

KRAFT, Charles H. **Culture, communication and Christianity**: A selection of writings by Charles Kraft. Pasadena: William Carey Library, 2001.

LAUSANNE. O Movimento de Lausanne e o evangelicalismo global: distintivos teológicos e impacto missiológico. In: **The Lausanne Movement**: A Range of Perspectives. Oxford: Regnum Books, 2014. Disponível em: <https://lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia-pt-br/o-movimento-de-lausana-e-o-evangelicalismo-global-distintivos-teologicos-e-impacto-missiologico>. Acesso em: 16 de out. 2023.

LEE, Moonjang. **Rethinking the Nature of Christian Mission: A South Korean Perspective.** In The state of missiology today: global innovations in christian witness. (Ed. Charles E. Van Engen). Downers Grove: InterVarsity Press, 2016.

LIDÓRIO, Ronaldo. **Comunicação e cultura:** a antropologia aplicada ao desenvolvimento de ideias e ações missionárias no contexto transcultural. São Paulo: Vida Nova, 2014.

LOSS, Myron. **Choque cultural:** lidando com o estresse em um ambiente transcultural. Monte Verde: Horizontes América Latina, 2005.

MACKINTOSH, Hugh R. **Teologia moderna:** de Schleiermacher a Bultmann. [São Paulo/Londrina]: Editora Cristã Novo Século & Fonte Editorial, 2004.

MANSON, T. W. **Jesus and the Non-Jews.** The Ethel M. Wood Lecture delivered before the University of London on 3 March 1954. London: The Athlone Press, 1955. Disponível em: https://biblicalstudies.org.uk/pdf/emwl/jesus_Manson.pdf. Acesso em: 07 de out. 2023.

MATENGA, Jay. **Centring the local:** the indigenous future of missions. In: A seminar originally presented at the Wycliffe Global Alliance/SIL “Together in Christ 2021” conference. Disponível em: https://jaymatenga.com/pdfs/MatengaJ_CentringLocal.pdf. Acesso em: 20 de out. 2023.

MARSHALL, Colin & PAYNE, Tony. **A treliça e a videira:** a mentalidade de discipulado que muda tudo. São Paulo: Editora Fiel, 2015.

NASCIMENTO, Analzira. **Evangelização ou colonização?** O risco de se fazer missões sem se importar com outro. Viçosa: Ultimato, 2015.

OLIVEIRA, Hildomar. **O desafio da prática Missiológica contemporânea**: todos enviando para todos. Em: Revista Reflexão Missiológica. julho-dezembro de 2021. v. 1, n. 1. Rio de Janeiro: JMM. Disponível em: <https://www.periodico.reflexaomissiolologica.com.br/index.php/revista/issue/view/1>. Acesso em: 17 de out. 2023.

PHAN, Peter C. (ed.). **Christianities in Asia**. Oxford: Blackwell, 2011.

PIERSON, Paul E. **Correntes emergentes da igreja & missões**. Monte Verde: Horizontes América Latina, 2005.

RIEVAN, Kirst. **Os estrangeiros ainda são necessários na era da missão nativa?** Disponível em: <https://lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia-pt-br/agl-pt-br/2021-07-pt-br/os-estrangeiros-ainda-sao-necessarios-na-era-da-missao-nativa>. Acesso em: 11 de out. 2023.

SELSTO, Mons Gunnar e Thoresen, Frank-Ole. **Abraçando uma teologia de unidade na diversidade**: Lições da história da igreja no norte da África. 2018. Disponível em: <https://www.ultimato.com.br/conteudo/abracando-uma-teologia-de-unidade-na-diversidade-licoes-da-historia-da-igreja-no-norte-da-africa#o+ocidente>. Acesso em: 10 de out. 2023.

TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. São Leopoldo: Concórdia, Est, 2014.

YEH, Allen. **O futuro de missões é de todos para todos os lugares**. v. 7, Ed. 1. 2018. Disponível em: <https://lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia-pt-br/agl-pt-br/2018-01-pt-br/o-futuro-de-missoes-e-de-todos-para-todos-os-lugares>. Acesso em: 11 de out. 2023.

Texto recebido em 28.10.2023 e aprovado em 20.11.2023

MISSIOMIGRAÇÃO: CHANCE PARA O MELHOR APROVEITAMENTO MISSIONÁRIO DA DIÁSPORA BRASILEIRA

Diogo da Cunha Carvalho

O autor é Gerente Executivo de Desenvolvimento da Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira e Professor de Missiologia do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil/Faculdade Batista do Rio de Janeiro. Também é Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de Campos-RJ e em Teologia pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro. Possui Pós-Graduação em Direito Imobiliário, Direito Público e Docência do Ensino Superior pela Universidade Estácio de Sá. É Mestre em Estudos Teológicos com ênfase em Missiologia pelo Southeastern Baptist Theological Seminary (EUA) e Doutor em Teologia pela PUC-Rio. E-mail: diogo@missoesnacionais.org.br. ORCID: 0009-0008-8214-6885.

MISSIONMIGRAÇÃO: CHANCE PARA O MELHOR APROVEITAMENTO MISSIONÁRIO DA DIÁSPORA BRASILEIRA

Resumo

O presente artigo aborda a realidade da diáspora brasileira e seus desafios e oportunidades para a expansão da fé cristã no mundo de hoje. Por meio de pesquisa bibliográfica, coletou dados que revelam tanto otimismo quanto preocupação quanto ao possível aproveitamento desse fenômeno social em termos missionários. Para vencer esses desafios, propõe um novo conceito, denominado missionmigração, provisoriamente definido como o movimento de migração que, mesmo sendo motivado por melhores condições de vida, carrega uma consciência missional que leva o migrante a, intencionalmente, abraçar a cultura anfitriã e anunciar o evangelho de maneira fiel e relevante aos nativos, fazer discípulos entre eles, iniciar novas igrejas e a transferir-lhes a liderança tão logo seja possível e recomendável. Esse conceito é composto de três elementos fundantes: inteligência cultural, consciência missional e coadjuvação intencional.

Palavras-Chave: Diáspora brasileira; Missões mundiais; Migração; Missionmigração; Contextualização.

Abstract

This article addresses the Brazilian diaspora and its challenges and opportunities for the expansion of the Christian faith in the world today. Through bibliographical research, it collected data that reveals optimism and concern regarding the possible use of this phenomenon in missions. In order to overcome these challenges, the article proposes a new concept, missionmigration. This concept is provisionally defined as the migration movement that, regardless being motivated by better living conditions, carries a missional consciousness that leads the migrant to intentionally embrace the host culture and announce the gospel in a faithful and relevant way to the nationals, make disciples among them, start new churches and transfer leadership to them as soon as possible and advisable. This concept has three founding elements: cultural intelligence, missional awareness and intentional supporting.

Keywords: Brazilian diaspora; World missions; Migration; Missionmigration; Contextualization.

Introdução

Testemunha-se, hoje, uma intensa movimentação de pessoas ao redor do mundo que, em termos absolutos, não encontra paralelo na história. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), no final de 2022, o número daqueles que por guerra, perseguição, violência ou violação dos direitos humanos, viram-se obrigados a sair de sua pátria em busca de sobrevivência em outros territórios atingiu o recorde de 108,4 milhões no final de 2022. Até maio de 2023, devido à guerra na Ucrânia, à revisão das estimativas de refugiados afegãos e aos novos conflitos, especialmente no Sudão, esse número já atingiu 110 milhões[1]. Essas pessoas em deslocamento forçado são os chamados refugiados, isto é, “que estão fora de seus países de origem por fundados temores de perseguição, conflito, violência ou outras circunstâncias que perturbam seriamente a ordem pública e que, como resultado, necessitam de ‘proteção internacional’”[2].

Outro grupo que se soma aos refugiados na volumosa movimentação que marca este tempo – embora por motivo diverso – é o dos migrantes, ou seja, aqueles que, voluntariamente, cruzam fronteiras em busca de melhores oportunidades econômicas[3]. Enquanto o refúgio é forçado, a migração é voluntária, e os migrantes, ao contrário dos refugiados, não estão impedidos de voltar a seu país a qualquer momento.

Embora nem sempre clara e precisa, essa diferenciação conceitual é imprescindível para a delimitação do tema proposto no presente artigo, que se debruçará sobre a migração[4].

[1] NAÇÕES UNIDAS BRASIL. Deslocamento forçado atinge novo recorde em 2022, e ACNUR pede ação conjunta. Notícias. 19 jun. 2023. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/237141-deslocamento-for%C3%A7ado-atinge-novo-recorde-em-2022-e-acnur-pede-a%C3%A7%C3%A3o-conjunta> Acesso em: 7 nov. 2023.

[2] NAÇÕES UNIDAS BRASIL. Qual a diferença entre “refugiados” e “migrantes”?. Notícias. 4 mai. 2016. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/72927-qual-diferen%C3%A7a-entre-refugiados-e-migrantes> Acesso em: 5 set. 2023.

[3] NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2016.

[4] Decidiu-se, para este ensaio, empregar a referida separação, conforme proposta pela ONU.

Sabe-se que o refúgio é um tema que reclama a pronta e compassiva atuação da igreja, a exemplo das iniciativas promovidas pelas juntas missionárias da Convenção Batista Brasileira[5]. No entanto, optou-se por não o abordar aqui. Em vez disso, refletir-se-á sobre os migrantes, sobretudo brasileiros, e estes como possíveis protagonistas de missões mundiais.

1. Motivos para otimismo

Segundo estimativa do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, quase 4,6 milhões de brasileiros viviam fora do País em 2022, em um aumento de 4% em relação a 2021[6]. Esse movimento, iniciado na década de 1980 e intensificado nos últimos anos, levou a Organização Internacional para as Migrações da ONU (OIM) a considerar a existência de uma verdadeira diáspora brasileira, “formada por emigrantes que compartilham de uma experiência migratória, relações, sentimentos, histórias e identidade comuns com sua terra natal”[7]. Verificado em várias regiões do mundo, o fenômeno da emigração brasileira incide especialmente sobre o continente europeu e os Estados Unidos, que respondem por mais de 76% dos brasileiros no exterior.

Essa diáspora coincide com a análise de Phillip Jenkins, no sentido de que a movimentação de habitantes do chamado Sul Global para o Norte aumenta a perspectiva de uma presença cristã revitalizada em solo europeu[8].

[5] Cite-se a Vila Minha Pátria, localizada em Morungaba-SP e dedicada ao acolhimento de refugiados afegãos, e o projeto Esperança aos Refugiados, desenvolvido pela JMM.

[6] GRELLET, Fabio. **Onde vivem os brasileiros no exterior e quais os países preferidos?** Veja lista. Estadão, 10 ago. 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/brasil/onde-vivem-os-brasileiros-no-exterior-e-quais-os-paises-preferidos-veja-lista-nprm/> Acesso em: 4 set. 2023.

[7] OIM. ONU Migração. **Empoderando a diáspora sul-americana como agente do desenvolvimento sustentável.** 2022, p. 6. Disponível em: <https://brazil.iom.int/sites/g/files/tmzbd1496/files/documents/brasil-empoderando-diaspora.pdf> Acesso em: 5 set. 2023.

[8] JENKINS, Phillip. **A próxima cristandade: a chegada do cristianismo global.** Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record: 2004, p. 139.

Jim Memory, diretor regional de Lausanne Europa, também celebrou que, nas últimas três décadas, os migrantes latino-americanos plantaram centenas de igrejas na Europa, em especial Espanha e Portugal[9]. Segundo ele, “é difícil encontrar uma grande cidade europeia que não tenha uma grande congregação brasileira ou de língua espanhola”[10]. Tal cenário tem despertado certo otimismo em alguns quanto à possibilidade de Deus estar usando esses cristãos para evangelizar outras nações e iniciar igrejas, reaquecendo-as espiritualmente.

Se isso estiver mesmo acontecendo, não seria algo realmente inédito. Com efeito, Klaus Koschorke, após examinar os processos passados e recentes de globalização intracristãos, concluiu pela importância especial das “redes de diáspora supra regionais enquanto canais de uma expansão muitas vezes espontânea e independente de atividade missionária”[11].

Para o pesquisador, “muitas vezes, diásporas étnicas representam canais de expansão do Cristianismo que são independentes de atividade missionária, as quais só mais tarde – ou não – são seguidas de estruturas eclesiásticas”[12]. Será, de fato, o caso de essa diáspora brasileira vir a representar, em um futuro próximo ou distante, um fator que contribuirá em um avanço significativo da fé cristã no Norte Global? Pode ser que sim, mas há razões para crer que, se acontecer, não terá sido tão fácil ou natural como se acredita. Para que essa previsão se concretize, há importantes barreiras que precisam ser superadas.

[9] OIM, 2022, p. 13. As referências feitas à Europa se justificam pela existência de mais estudos já produzidos sobre o impacto da presença latino-americana nesse contexto, não significando, de maneira alguma, que a reflexão que ora se faz se restrinja a esse continente.

[10] MEMORY, Jim. **Mitos, verdades e oportunidades para a obra missionária na Europa**. 2021, p. 28. Disponível em: <https://lausanne.org/pt-br/updates-pt-br/mitos-verdades-e-oportunidades-para-a-obra-missionaria-na-europa>. Acesso em: 5 set. 2023.

[11] KOSCHORKE, Klaus. **Religião e Migração**. Aspectos de uma história policêntrica do Cristianismo mundial. In: *Religiosidades em migrações históricas e contemporâneas*. Heloisa Helena Capovilla da Luz Ramos, Isabel Cristina Arendt e Marcos Antônio Witt (org.). São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2016, pp. 19-51, p. 41.

[12] KOSCHORKE, 2016, p. 41-42.

2. Motivos para preocupação

Ao mesmo tempo em que suscita expectativas positivas, a onda de migração de evangélicos brasileiros apresenta graves dificuldades missiológicas. É que, usando a Europa como exemplo, os milhares de igrejas ali iniciadas por latino-americanos não estão causando o impacto esperado, e isso ocorre “porque muitos dos líderes da igreja não são capazes ou não estão dispostos a adaptar suas igrejas à cultura e ao contexto local”[13]. O mais comum e natural – em grande medida porque a migração, em si, já traz seus desafios inerentes – é que, ao buscarem uma igreja ou ao iniciarem uma, emigrantes brasileiros procurem unir-se aos seus compatriotas e se fechem na língua, cultura e tradições do que seus país de origem, inclusive em matéria religiosa. Com isso, formam “guetos eclesiais” em solo estrangeiro e, conseqüentemente, ficam muito aquém de causarem um real impacto evangelizador no novo contexto em que se instalaram.

Conforme já se constatou, geralmente essa tendência só se enfraquece quando a segunda ou terceira gerações de migrantes chegam a posições de liderança. Nesse momento, os descendentes de brasileiros, mais identificados com a cultura local do que seus pais e avós, conseguem enxergar a igreja sob uma perspectiva multicultural, ausente nos que os precederam[14]. Essa situação, entretanto, está longe da ideal, pois prejudica – ou, no mínimo atrasa – a pregação do evangelho e a formação de líderes do povo local. Não se cumpre, assim, a Grande Comissão, que implica uma ação missionária que resulte em discípulos feitos de todas as nações para onde se vá (Mt 28.18-20).

[13] MEMORY, 2021, p. 28.

[14] MEMORY, 2021, p. 29.

Sem uma radical mudança de mentalidade, todo o otimismo que se tenha quanto à presença de cristãos brasileiros no mundo pode se converter em uma grande frustração, por não se vislumbrar, em curto e médio prazos, nenhum impacto significativo entre os nacionais dos países receptores, senão entre os próprios brasileiros, absortos em seus círculos culturais fechados e sem exercerem uma missionalidade saudável na terra em que escolheram viver[15]. Há, portanto, a necessidade de uma missiomigração, e não apenas de uma migração comum.

3. Missiomigração: definição provisória e elementos

Na tentativa de oferecer uma saída para essa questão, propõe-se um novo conceito que se pode chamar de missiomigração, que significa o movimento de migração que, mesmo sendo motivado por melhores condições de vida – como toda migração –, carrega uma consciência missional que leva o migrante a, intencionalmente, abraçar a cultura anfitriã e anunciar o evangelho de maneira fiel e relevante aos nacionais, fazer discípulos entre eles, iniciar novas igrejas e a transferir-lhes a liderança dessas comunidades tão logo seja possível e recomendável. Tratando-se de uma definição embrionária, está aberta a reparos e, certamente, será aprimorada por outros missiólogos, o que se encoraja. Se a proposta tema servir de ponto de partida para novas reflexões, terá alcançado seu objetivo.

Além da definição, propõe-se os seguintes elementos fundantes para a missiomigração, sem prejuízo de outros que se possam acrescentar.

3.1. Inteligência cultural

Um dos perigos recorrentes da prática missionária é o etnocentrismo, ou seja, a atitude de considerar a cultura própria como superior às outras e a medida pela qual estas devem ser julgadas.

[15] Obviamente, não se despreza a importância de alcançar os brasileiros que vivem no exterior.

Essa distorção missiológica, que nem sempre é consciente, manifesta-se, por exemplo, quando emigrantes brasileiros tentam impor determinados aspectos litúrgicos típicos das igrejas daqui em igrejas estrangeiras. Há relatos de que, quando isso acontece, os nacionais passam a sentir-se desconfortáveis e abandonam a igreja. Cria-se uma igreja que se parece em tudo com uma igreja brasileira, só que no exterior[16].

Enquanto os povos latino-americanos costumam reclamar de sofrerem preconceito da parte de nativos do Norte, devem ficar atentos para um outro tipo de preconceito, na direção inversa, caracterizado pelo pensamento de que o jeito certo de fazer igreja é o jeito latino. A Bíblia, e não a cultura, é a última palavra sobre como a igreja deve ser, funcionar e se expressar. Conforme sinalizou Ronaldo Lidório, “nenhum elemento externo jamais deve ser imposto a uma cultura”[17].

É necessário, portanto, que os brasileiros que residam fora do país e desejem se envolver com a missão cristã desenvolvam uma apurada inteligência cultural por força da qual sejam capazes de mergulhar na nova cultura, abraçá-la e adotá-la a tal ponto que assimilem o idioma, costumes e hábitos locais, sempre visando desenvolver relações significativas com os habitantes da nação anfitriã, evangelizá-los e fazer deles discípulos, nos termos da Grande Comissão.

3.2. Consciência missional

Segundo Timóteo Carriker, ser missional significa, simplesmente, exercer a vocação missionária no contexto em que se está inserido[18]. Ed Stetzer traz luz a esse conceito ao diferenciar os termos missionário e missional:

[16] Não se está referindo aqui, propriamente, a igrejas brasileiras existentes no interior, especialmente nos Estados Unidos, cujo público-alvo são os imigrantes brasileiros, que também carecem da graça de Deus e precisam ser alcançados pelo evangelho. Essas igrejas escolhem, deliberadamente, manter-se parecidas com as igrejas do Brasil a fim de cumprirem sua vocação.

[17] LIDÓRIO, Ronaldo. **Introdução à antropologia missionária**. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 143.

[18] CARRIKER, Timóteo. **O que é Igreja missional: Modelo e vocação da igreja no Novo Testamento**. Viçosa, MG: Ultimato, 2018, p. 9.

O primeiro se refere mais a uma atitude de importar-se com missões, sobretudo além-fronteiras. Missional significa pôr a missão em prática bem aqui onde estamos. Missional significa adotar a postura de um missionário, aprender a cultura à sua volta e adaptar-se a ela sem abrir mão de uma relação sólida com a Bíblia[19].

Importa saber como esse conceito pode ser aplicado ao migrante cristão, cuja condição é ambígua: ele não foi a outro país tendo missões como primeira motivação (não foi formalmente enviado como missionário, portanto). Porém, o que o impede de, uma vez fixando-se lá, assumir essa mentalidade missional e engajar-se na missão como se tivesse ido com essa finalidade? Pode parecer irreal, mas se esse salto de compreensão for dado, pode ser uma chance extraordinária de melhor aproveitamento, para o cumprimento da Grande Comissão, do grande contingente de brasileiros que se mudaram para o exterior. Aliás, é possível que já haja, entre esses brasileiros, membros de igreja que desempenharam funções discipuladoras em suas comunidades de fé no Brasil, bem como líderes de pequenos grupos. O que falta, na maioria dos casos, é adicionar a essa chama evangelística já existente o fator missional, que levará esses membros à intencionalidade de buscar a “melhor maneira de alcançar a cultura em que vive naquele dado momento”[20].

Vale o registro de que tal postura, se ocorrer, não terá sido única na era da igreja. Comentando sobre a vida missional, Timothy Keller cita Michael Green para lembrar que o crescimento explosivo do cristianismo inicial “aconteceu, na realidade, por meio de missionários informais”[21].

[19] STETZER, Ed. **Plantando igrejas missionais**: como plantar igrejas bíblicas, saudáveis e relevantes à cultura. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 37.

[20] STETZER, 2015, p. 41.

[21] GREEN, Michael. Apud KELLER, **Timothy. Igreja centrada**: desenvolvendo em sua cidade um Ministério equilibrado e centrado no evangelho. São Paulo: Vida Nova: 2014, p. 328.

Cuidavam-se não pregadores e evangelistas treinados, mas de cristãos que mais tarde seriam denominados leigos, que, espalhados pelos domínios do Império Romano, conquistavam novos discípulos para Jesus Cristo por meio de seu exemplo, comunhão, caráter transformado, alegria, perseverança e poder[22]. Na verdade, como salienta Koschorke, missionários formais como o apóstolo Paulo foram a exceção: “Não havia missionários profissionais na Igreja antiga. Antes, a normalidade era a expansão espontânea e, na maioria das vezes, anônima”[23]. Cabe, então, a indagação: será possível incutir na mente e no coração dos evangélicos brasileiros que residam fora do país um foco missional que os impulse a agir como esses “missionários informais” do passado, para alcançarem não só seus conterrâneos migrantes, mas, também, os nativos com os quais terão de interagir nas relações sociais estabelecidas no novo contexto onde se radicaram?

3.3. Coadjuvação intencional

É bem verdade que a consagração de obreiros locais e a delegação de responsabilidades figuram como parte do trabalho missionário na abordagem tradicional, como no ciclo paulino de David Hesselgrave[24]. No entanto, a constatação é que, na prática, algumas iniciativas “têm sido muito remissas em treinar e incentivar líderes nacionais a assumirem suas justas responsabilidades”[25]. Por esse motivo, o Pacto de Lausanne manifestou seu apoio integral à formação de uma liderança de fato nacional, nos seguintes termos:

[22] GREEN, Michael. Evangelização na igreja primitiva. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 213.

[23] KOSCHORKE, 2016, p. 23.

[24] HESSELGRAVE, David J. **Plantar igrejas**: Um guia para missões nacionais e transculturais. São Paulo. Edições Vida Nova, 1984.

[25] Pacto de Lausanne. 1974. Disponível em: <https://lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia-pt-br/covenant/pacto-de-lausanne> Acesso em: 7 nov. 2023.

Ardentemente desejamos que toda a igreja tenha líderes nacionais que manifestem um estilo cristão de liderança não em termos de domínio, mas de serviço. Reconhecemos que há uma grande necessidade de desenvolver a educação teológica, especialmente para líderes eclesiais. Em toda nação e em toda cultura deve haver um eficiente programa de treinamento para pastores e leigos em doutrina, em discipulado, em evangelização, em edificação e em serviço. Este treinamento não deve depender de uma metodologia estereotipada, mas deve se desenvolver a partir de iniciativas locais criativas, de acordo com os padrões bíblicos.[26]

Desta forma, uma igreja com mentalidade missiomigrante deverá ser intencional em identificar, mobilizar, formar, desenvolver e liberar nacionais para exercerem posições de liderança tão cedo se mostrem prontos a assumir tais responsabilidades. Com razão, compreenderá que está iniciando uma igreja latino-americana em solo estrangeiro não para alcançar latino-americanos, mas para impactar toda a comunidade em seu entorno; uma igreja contextualizada, que traduza e adapte a comunicação e o ministério do evangelho à cultura hospedeira sem comprometer a essência e as particularidades do próprio evangelho[27].

Contudo, note-se que esse processo poderá ser dificultado ou acelerado na proporção do empenho com que se integrem nacionais em posições de liderança e se levem em consideração, na tomada de decisões, as propostas e os argumentos destes, tendo a Bíblia como juiz final de qualquer opinião. O migrante deve, portanto, tornar-se intencionalmente coadjuvante, fazendo do nativo o protagonista.

[26] Idem. Para excelentes indicações sobre como passar o protagonismo da liderança para o autóctone, recomenda-se a leitura da dissertação de mestrado de Pedro Veiga, sob o título “A autoridade dos que servem: o caminho do serviço como proposta de seguimento para a liderança eclesial contemporânea”, disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/58638/58638.PDF>.

[27] KELLER, 2014, p. 107.

Considerações finais

O presente artigo abordou a realidade da diáspora brasileira e seus desafios e oportunidades para a expansão da fé cristã no mundo de hoje, em especial a Europa. Apresentou, para isso, motivos de otimismo e preocupação quanto ao possível aproveitamento desse fenômeno social em termos missionários. Entre os desafios, o principal é o fechamento desses migrantes em círculos culturais brasileiros, acrescido da falta de empenho destes na contextualização do evangelho aos cidadãos dos países onde residem. Embora igrejas estejam sendo plantadas nesses locais, há uma omissão ou, no mínimo, uma demora exagerada em alcançar os nacionais e outorgar-lhes protagonismo, o que reduz ou atrasa significativamente o poder de impacto dessa presença brasileira no exterior.

Para mudar essa realidade, propôs-se um novo conceito, denominado missiomigração, caracterizado pela mentalidade de não apenas reconhecer e abraçar a cultura anfitriã, como também anunciar o evangelho de maneira fiel e relevante aos indivíduos pertencentes a essa cultura, fazer deles discípulos e iniciar novas igrejas, delegando a eles, em tempo propício, papéis de liderança. Essa missiomigração possui três elementos fundantes: inteligência cultural, consciência missional e coadjuvação intencional, acima desenvolvidos. Espera-se que este ensaio sirva de provocação para mais pesquisas e reflexões sobre o tema, visando o não desperdício do potencial missionário que pode estar contido no referido fenômeno.

REFERÊNCIAS

CARRIKER, Timóteo. **O que é Igreja missional**: Modelo e vocação da igreja no Novo Testamento. Viçosa, MG: Ultimato, 2018.

GREEN, Michael. **Evangelização na igreja primitiva**. São Paulo: Vida Nova, 2000.

GRELLET, Fabio. **Onde vivem os brasileiros no exterior e quais os países preferidos?** Veja lista. Estadão, 10 ago. 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/brasil/onde-vivem-os-brasileiros-no-exterior-e-quais-os-paises-preferidos-veja-lista-nprm/> Acesso em: 4 set. 2023.

HESSELGRAVE, David J. **Plantar igrejas**: Um guia para missões nacionais e transculturais. São Paulo. Edições Vida Nova, 1984.

JENKINS, Phillip. **A próxima cristandade**: a chegada do cristianismo global. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record: 2004, p. 139.

KELLER, Timothy. **Igreja centrada**: desenvolvendo em sua cidade um Ministério equilibrado e centrado no evangelho. São Paulo: Vida Nova: 2014.

KOSCHORKE, Klaus. Religião e Migração: Aspectos de uma história policêntrica do Cristianismo mundial. In: **Religiosidades em migrações históricas e contemporâneas**. Heloisa Helena Capovilla da Luz Ramos, Isabel Cristina Arendt e Marcos Antônio Witt (org.). São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2016, pp. 19-51.

LIDÓRIO, Ronaldo. **Introdução à antropologia missionária**. São Paulo: Vida Nova, 2011.

MEMORY, Jim. **Mitos, verdades e oportunidades para a obra missionária na Europa**. 23 nov. 2021. Disponível em: <https://lausanne.org/pt-br/updates-pt-br/mitos-verdades-e-oportunidades-para-a-obra-missionaria-na-europa>. Acesso em: 5 set. 2023.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **Deslocamento forçado atinge novo recorde em 2022, e ACNUR pede ação conjunta. Notícias**. 19 jun. 2023. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/237141-deslocamento-for%C3%A7ado-atinge-novo-recorde-em-2022-e-acnur-pede-a%C3%A7%C3%A3o-conjunta> Acesso em: 7 nov. 2023.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **Qual a diferença entre “refugiados” e “migrantes”?**. Notícias. 4 mai. 2016. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/72927-qual-diferen%C3%A7a-entre-refugiados-e-migrantes> Acesso em: 5 set. 2023.

OIM. ONU Migração. **Empoderando a diáspora sul-americana como agente do desenvolvimento sustentável**, 2022. Disponível em: <https://brazil.iom.int/sites/g/files/tmzbd11496/files/documents/brasil-empoderando-diaspora.pdf> Acesso em: 5 set. 2023.

Pacto de Lausanne. Disponível em: <https://lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia-pt-br/covenant/pacto-de-lausanne> Acesso em: 7 nov. 2023.

STETZER, Ed. **Plantando igrejas missionais: como plantar igrejas bíblicas, saudáveis e relevantes à cultura**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

VOZES DO CAMPO



TESTEMUNHOS DE TRANSFORMAÇÃO E IMPACTO MISSIONÁRIO

Marta do Carmo

Equador

Este relato de experiência ressalta o impacto abrangente e diversificado do trabalho missionário realizado no Equador, destacando exemplos inspiradores de transformação.

Contexto e Desafios

No decorrer de nossas atividades missionárias, testemunhamos a manifestação do poder e da graça de Deus em diversas situações, trazendo transformação e impacto significativos.

Fé e Capacitação diante da Adversidade

Uma jovem colaboradora dedicada enfrenta o desafio de ver seu esposo lutar contra o câncer. Mesmo assim, ela se mantém firme no trabalho missionário e se capacita através das ações missionárias. Sua confiança em Deus e na Sua soberania é um exemplo de fé e determinação para todos nós.

Discipulado e Renovação Espiritual

Um senhor, após muitos anos afastado da igreja, embarcou em um processo de discipulado. Ele nunca havia estudado a Bíblia antes e está maravilhado com a maneira como Deus tem falado ao seu coração, compreendendo muitas verdades. Seu entusiasmo o motiva a retornar à comunidade de fé e, além disso, ele está realizando um curso de música.

Comoção e Conversões em uma Comunidade Carente

Durante uma reunião com crianças e mulheres em uma comunidade, presenciamos um profundo mover espiritual após a explanação da Palavra de Deus. Lágrimas, confissões de pecados e louvores espontâneos surgiram, demonstrando o agir de Deus nos corações. A comoção resultou em várias conversões e um tempo precioso de adoração coletiva.

Impacto nas Escolas e Comunidades Especiais

O envolvimento dos Jovens Voluntários Sem Fronteiras (VSF) em escolas bíblicas teve um impacto notável. Um pastor local se emocionou profundamente com a participação desses jovens, expressando seu desejo de ter aceitado a Cristo em sua juventude (ele se converteu aos 38 anos). Em uma das escolas bíblicas realizadas em um condomínio onde residem crianças e adultos especiais, uma adolescente surda foi profundamente impactada. A capacidade de uma missionária voluntária se comunicar fluentemente em língua de sinais possibilitou que essa jovem compreendesse a mensagem integralmente, participando ativamente de todas as atividades.

Estes relatos testemunham não apenas o trabalho árduo de missionários, mas também o poder transformador do Evangelho em situações diversas, inspirando-nos a prosseguir com esperança e determinação na missão que nos foi confiada.

AVANÇOS NA EVANGELIZAÇÃO E EXPANSÃO DE IGREJAS: EXPERIÊNCIAS MISSIONÁRIAS E CRESCIMENTO COMUNITÁRIO EM CABO VERDE

Emanuel Tavares Lopes Monteiro

Neste relato de experiência, destacamos o progresso e os marcos alcançados no crescimento e na expansão das igrejas em Cabo Verde. Por meio de uma jornada impulsionada pela graça de Deus e pelo compromisso de membros e líderes, testemunhamos avanços notáveis na propagação do evangelho e no fortalecimento das comunidades. Novas perspectivas e oportunidades surgiram após momentos desafiadores, moldando a trajetória missionária, de evangelização e de construção de igrejas em meio às adversidades.

A Igreja em Ponta Verde está experimentando um crescimento notável, à medida que novos membros têm demonstrado interesse no batismo. Planejamos realizar um grande batismo, unindo todas as igrejas batistas numa celebração marcante. A construção avançou significativamente, alcançando a etapa de pavimentação do chão, restando agora a cobertura. Expressamos nossa gratidão a Deus pelos irmãos que têm apoiado e pedimos que essa colaboração prossiga.

Após o impacto da pandemia de Covid-19, percebemos uma mudança significativa no modo como as pessoas se conectam nas redes sociais. Diante disso, reconhecemos a necessidade de adaptar nossos métodos evangelísticos. Utilizando as ferramentas da Cruzada Estudantil Universitária, especialmente o projeto Jesus Filme, treinamos 25 membros da Igreja Batista de Terra Branca ao longo de três dias. O treinamento focou-se no uso de narrativas bíblicas em vídeos para compartilhar o Evangelho nas redes sociais, incluindo mensagens enviadas através de mensagens, e-mails, Instagram e outras plataformas. Pela graça de Deus, centenas de pessoas foram impactadas por essa iniciativa evangelística.

Além disso, tivemos a oportunidade de capacitar novos membros da Igreja Batista em Ribeirão das Éguas, situada no interior da Ilha de Santiago, para a plantação de novas igrejas em diversos locais, como residências, ruas, varandas e até mesmo em ambientes ao ar livre. O treinamento de quatro dias resultou na formação de grupos que agora estão ativamente envolvidos na comunidade, estabelecendo novos locais de culto.

Com o intuito de expandir ainda mais a plantação de igrejas em outras ilhas, a Igreja Batista, por meio do casal Pastoral Emanuel e Diva, mobilizou e treinou um grupo de 21 membros para evangelizar a Ilha do Maio. Durante três dias, dedicamo-nos à evangelização e distribuição de folhetos nas residências, oferecendo suporte à igreja local em situação de dificuldade. Foi um momento de testemunho marcante, principalmente para os membros que nunca haviam evangelizado em outra ilha de Cabo Verde, retornando com experiências enriquecedoras. O Senhor despertou o desejo em muitos outros membros para futuras iniciativas em outras ilhas. Adicionalmente, a construção da Igreja e Centro Social em Ponta Verde encontra-se numa fase avançada, com a conclusão do alicerce e das paredes. Estamos agora avançando com fé, mobilizando recursos para o próximo estágio da construção.

Participamos de uma caravana missionária com um grupo de missionários voluntários da Igreja Local, alcançando e evangelizando muitas famílias, inclusive crianças, que receberam Novos Testamentos. Testemunhamos o interesse genuíno dessas pessoas em conhecer mais sobre Jesus, ouvindo as histórias com grande atenção e demonstrando disposição para entregarem suas vidas a Cristo.

